C ombatente



Trimestral - Edição 397 - setembro 2021 - 2€

Diretor: Joaquim Chito Rodrigues

www.ligacombatentes.org

A construção da Paz A Importância da "consciencia o Estatuto do Combatente A vida dos Núcleos Aniceto do Rosário

ucleos no País

Travessa das Escolas 1 3100-012 Abjul - Pombal Tel: 919 770 934 / 918 946 691 abiul@ligacombatentes.org.pt

Rua do Arcediago, 16 - 2200-399 Abrantes Tel: 241 372 885 abrantes@ligacombatentes.org

Alcácer do Sal

Calcada 31 de Janeiro, 21 7580-098 Alcácer do Sal Tel: 265 081 958 / 968 764 323 alcacer.sal@ligacombatentes.org.pt

Bua Luís de Camões 63 r/c - D 2460-014 Alcobaca - Tel: 262 597 616 lina combatentes@netvisao nt

Rua 29 de Agosto, BIB - Fracção Q-Lil Barrada -8670-130 Aliezur aliezur@ligacombatentes.org.pt

Almada

Praca Gil Vicente. 13. 4.º - F 2800-098 Almada - Tel: 211 397 391 almada@ligacombatentes.org.pt

Arouca Rua Dr. António Casimiro Leão Pimentel (perto do Tribunal) – 4540-132 Arouca

Aveiras de Cima

Rua António Amaro dos Santos, 5 2050-075 Aveiras de Cima Tel: 263 476 796

Rua Eng. Von Haffe, 61, 1.º - C Tel: 234 421 309 - 3800-177 Aveiro aveiro@ligacombatentes.org.pt

Assoc. Nacional dos Titulares do Título do Reconhecimento da Nação

Rua dos Barreiros nº 4 - São Bernardo 3810-062 - AVEIRO - Tel: 234 422 456 antonio.iacinto58@hotmail.com

Largo Domingos Dias, 1 - Lavradio 2835-374 Barreiro ligacombatentesbarreiro@gmail.com

Batalha

Rua Maria Júlia Sales Oliveira Zuguete Moinho de Vento - Ap. 104 2440-901 Batalha - Tel: 244 765 738 ligacombatentesbtl@sapo.pt

Rua Infante D. Henrique (Escola Primária n.º 4) 7800-318 Beia Tel: 284 322 320 / 967 820 093 beia@ligacombatentes.org

Belmonte

Edifício Multiusos - Sala 1 Rua Pedro Álvares Cabral 6250-086 Belmonte – Tel: 935 717 647 combatentesnucleobelmonte@gmail.com

Braga

Bêco do Eirado, 13, 1.º 4710-237 Braga - Tel: 253 216 710 braga@ligacombatentes.org

Braganca

Edif Principal – Largo General Sepúlveda Apartado 76 - 5300-054 Braganca Tel: 273 326 394 - ligabr@sapo.pt

Caldas da Rainha

Rua do Sacramento, 7 - R/c Esq. 2500-182 Caldas da Bainha TM: 913 534 248/262 843 142 caldas.rainha@ligacombatentes.org

Campo Major

Rua Fonte Nova, 2 - Estrada Nacional 371 7370-201 Campo Maior Tel: 268 030 134 campo.maior@ligacombatentes.org.pt

Cantanhede

Largo Pedro Teixeira Casa dos Bugalhos, 1.º 3060-132 Cantanhede Tel: 913 531 422 cantanhede@ligacombatentes.org.pt

Castelo Branco

Rua de Santa Maria, 104 6000-178 Castelo Branco Tel: 272 092 316 castelo branco@ligacombatentes org pt

Chaves

Terreiro de Cavalaria, 2 5400-193 Chaves Tel: 276 402 761 / 910 270 478 chaves@ligacombatentes.org

Coimbra

Rua da Sofia, 136 - 3000-389 Coimbra Tel/Fax: 239 823 376 coimbra@ligacombatentes.org

Covilhã

Rua Acesso à Estação, Lote 2 - r/c Loja 6 6200-494 Covilha Tel e Fax: 275 323 780 / 914 782 026 covilha@ligacombatentes.org

Av. 14 de Janeiro - Portas da Esquina, 16 - R/c Esq. 7350-092 Elvas Tel: 966 795 962 ligacomb.elvas@sapo.pt ligacombatentes.elvas@gmail.com

Entroncamento/V. Nova da Barquinha

Rua Eng. Ferreira Mesquita, 1 2330-152 Entroncamento Tel: 249 719 101 entroncamento@ligacombatentes.org

Espinho

Apartado 7 - FACE (Fórum de Arte e Cultura de Espinho) Bua 41 Av.ª João de Deus - Sala 35 EC Anta 4501-908 Espinho Tel: 227 324 799 ligacomb.espinho@sapo.pt

Estremoz

Portas de Sta Catarina Prédio Militar 22 - 7100-110 Estremoz Tel/Fax: 268 322 390 nucleoetz@hotmail.com

Évora

Rua dos Penedos, 10 - 7000-531 Évora Tel: 266 708 682 evora@ligacombatentes.org

Rua Dr. José de Matos, 115 - B, r/c 8000-501 Faro Tel/Fax: 289 873 067 nucleodefaro@gmail.com

Figueira da Foz

Rua Rancho das Cantarinhas, 44, r/c Buarcos - 3080-250 Figueira da Foz Tel: 233 428 379 figueira.foz@ligacombatentes.org

Funchal

Casa do Combatente - Beco do Paiol. 32-A São Pedro 9000-198 Funchal Tel: 291 220 141 funchal@ligacombatentes.org

Gouveia

Rua da República, 43 6290-518 Gouveia Tlm · 910 133 472 gouveia@ligacombatentes.org.nt

Guarda

Praça Dr. Francisco Salgado Zenha 6300-694 Guarda - Tel: 271 211 891 nucleodaquarda@qmail.com

Ilha Graciosa

(Nova delegação de Angra do Heroísmo / Praia da Vitória) Rua do Mercado Municipal Santa Cruz de Graciosa 9880-373 Tel: 295 732 125

Ilhas de São Miguel e Santa Maria

Rua José Maria Raposo do Amaral, 28 9500-078 Ponta Delgada Tels: 296 282 333 ponta.delgada@ligacombatentes.org

Ilha Terceira

Rua Nova, s/n.º - Conceição 9700-132 Angra do Heroísmo Tel: 295 212 277 angra.heroismo@ligacombatentes.org

Lagoa/Portimão

Rua Alexandre Herculano, 20, r/c Apartado 265 - 8400-370 Lagoa Tel: 282 089 169 lagoa.portimao.sec@ligacombatentes.org.pt

Rua Castelo dos Governadores, 60 8600-563 Lagos - Tel: 282 768 309 Fax: 282 086 733 nucleo.lagos@gmail.com

Lamego

Urbanização da Ortigosa Rua Eng.º Pina Manique e Albuquerque, BI 8-c/v Esq. 5100-003 Lamego Tel: 254 613 565 Icnlamego@sapo.pt

Leiria

Av. 25 de Abril. Lote 12. r/c - Dto. 2400-265 Leiria - Tel/Fax: 244 001 600 leiria@ligacombatentes.org

Lishoa

Rua João Pereira da Rosa, 18, r/c 1240-032 Lighna Tel/Fax: 913 509 035 / 913 508 979 nucleo.lisboa@ligacombatentes.org

APCA-Associação Portuguesa dos Capacetes Azuis

Tlm: 910317402 - apca@capacetesazuis.pt

Bua dos Bombeiros Voluntários 63 4615-604 Lixa - Tel: 255 495 280 lixa@ligacombatentes.org.pt

Loulé

Av.ª José da Costa Mealha, 150 8100-501 Loulé - Tel/Fax: 289 413 726 nucleo loule@gmail.com

Loures

Rua Dr. Alberto Alves de Oliveira, 5 A Tel.: 925 760 165/968 070 587 2670-401 Loures loures@ligacombatentes.org

Lourinhã (Delegação do Núcleo de Torres Vedras) Mercado Municipal da Lourinhã

Av.ª Dr. José Catanho Meneses. 30-B-1º 0B, 1.º Sala M8 –2530-163 Lourinhã,

Macedo de Cavaleiros

Prédio Alameda - Rua da Biblioteca. 8 - 1º Dto - Escritório nº 1 e 6 5340-201 Macedo de Cavaleiros Tel: 278 421 374 nucleo.macedo@gmail.com

Macieira de Cambra

Rua do Souto, 190 3730-226 Macieira de Cambra Tel: 256 284 566 macieira.cambra@ligacombatentes.org.pt

Mafra

Largo dos Combatentes - 2640-445 Mafra Tel: 261 092 480 nucleomafralc@gmail.com

Av. Senhor de Sta. Cruz (Escola EB1/Jl de Santa Cruz) Castêlo da Maia 4475-051 Maia Tlm: 917 592 924 - 927 407 321 nucleoligadoscombatentes.maia@gmail.com

Rua Dr. Pereira de Matos 6260-111 Manteigas Tel: 275 982 300 - Tlm: 915 750 902 ligacombatentesmanteigas@gmail.com

Marco de Canaveses

Avenida Gago Coutinho, 169 4630-206 Marco de Canaveses Tel: 255 532 390 combatentesdomarco@gmail.com

Marinha Grande

Rua do Ponto da Boavista 12 2430-051 Marinha Grande Tel: 244 096 830 ligamg@sapo.pt; lcmgsecretaria@gmail.com

Matosinhos

Av.ª Rodrigues Vieira, 80 - Araújo (Antiga Escola Básica 1º Ciclo do Araújo) 4465-738 Leca do Balio Tel: 224 901 476 / 915 750 461 matosinhos@ligacombatentes.org

Av. Gago Coutinho e Sacadura Cabral Imóvel Conde Ferreira, 1º 6430-183 Meda Tlm: 925 674 611 nucleomedacombatentes@gmail.com

Miranda do Douro

Rua D. Dinis, 4 - r/c 5210-217 Miranda do Douro - Tel: 273 432 201 nlcombatentesmdr@gmail.com

Mirandela

Rua da Républica, 25, 1.º - 5370-347 Mirandela Tel: 278 990 562 mirandela@ligacombatentes.org.pt

Monção

Rua Dr. Álvares Guerra, 48/52 (Apartado 92) - 4950-433 Monção Tel: 251 652 521 / 915 750 875 moncao@ligacombatentes.org

Travessa dos Combatentes, 5 7425-141 Montargil - Tel: 242 904 060

Montemor-o-Novo

Largo Paços do Concelho, 18 7050-127 - Montemor-o-Novo Tlm: 913 509 156 ligacombatentes.montemornovo@gmail.com

Montijo

Rua Pocinho das Nascentes, nº 255 2870-307 Montiio Tel: 211 338 247 montijo@ligacombatentes.org.pt

mora@ligacombatentes.org.pt

Rua do Parque, 3 - 7490-244 Mora Tel: 266 403 247 - Tlm: 913 534 586

Moura Largo dos Quartéis, Edifício dos Quartéis, Lote 12 Caixa Postal 3012 7860-119 Moura

Mourão

Praça da República, 9 - r/c Esq.º 7240-233 Mourão mourao@ligacombatentes.org

Oeiras/Cascais

Rua Cândido dos Reis. 216. 1.º 2780-212 Oeiras Telemóvel: 929 059 248 neiras@ligacombatentes.org.pt

Av. Sporting Clube Olhanense, 6-A 8700-314 Olhão Tel: 289 722 450 Icombatentes nolhan@sano.nt

Oliveira de Azeméis

Rua António Alegria, 223, 1.º 3720-234 Oliveira de Azeméis Tel / Fax: 256 688 112 ligadoscombatentesoaz@gmail.com

Oliveira do Bairro

Rua António de Oliveira Rocha. Edifício da Estação da CP 3770-206 Oliveira do Bairro Tel: 234 296 606 oliveira.bairro@ligacombatentes.org.pt

Penafiel

Rua Eng.º Matos, 20 (Antigo Matadouro Municipal) 4560-465 Penafiel Tel: 255 723 281 penafiel@ligacombatentes.org

Peniche

Rua Bairro do Calvário, 54 2520-626 Peniche Tel: 262 380 073 neniche@ligacombatentes.org

Estrada Regional, 45 - S. Miguel Arcanjo 9940-312 São Roque do Pico Tlm: 919 241 476 pico@ligacombatentes.org.pt

Pinhal Novo Urbanização Vale Flores (Monte Francisquinho) 2955-409 Pinhal Novo

Tel: 915 753 593 liga.pinhalnovo@gmail.com Pinhel Travessa Portão Norte. 2

6400-303 Pinhel Tlm: 967 397 369 pinhel.ligacombatentes@sapo.pt

Ponte de Lima Via de Sabadão, 181 - Arcozelo 4990-256 Ponte de Lima 967 039 844 ponte.lima@ligacombatentes.org.pt

Portalegre

Rua 15 de Maio, 3 7300-206 Portalegre Tel/Fax:245 202 723 Tlm: 915 755 950 portalegre@ligacombatentes.org

Portimão

Delegação do Núcleo Lagoa Rua Quinta do Bispo, Bloco A 8500-729 Portimão Tel: 282 415 341 lagoa.portimao@ligacombatentes.org.pt

Porto

Rua da Alegria, 39 Tel: 222 006 101 - 913 060 168 porto@ligacombatentes.org.pt

Póvoa de Varzim Apartado 000121 - EC — Póvoa de Varzim 4494-909 Póvoa de Varzim icostavilaca@sapo.pt

Queluz Rua Dr. Manuel Arriaga, 64 - A 2745-158 Oueluz Tel: 309 909 324 queluz@ligacombatentes.org

Requengos de Monsaraz

Rua Dr. Francisco Salles Gião, 21 7200-303 Requendos de Monsaraz Tel: 266 501 478 - Tlm: 913 534 592 requengos@ligacombatentes.org.pt

Rua Dr. José Leite dos Santos, 2 - Santa Ana 4760-726 Ribeirão - Tel: 252 414 219 ribeiran lcombatentes@sano.nt

2040-273 Rio Maior - Tel/Fax: 243 908 107 rio.maior@ligacombatentes.org

Rua D. Afonso Henriques, 79 A

Rua Dr. João Lopes. 7 - 6320-420 Sabugal Tlm: 926882002-961630443-968734125 combatentes.sabugal@gmail.com

Santa Margarida da Coutada

Rua Luís de Camões, 9 2250-066 Constância Tlm: 912 664 316 / 919 166 651 santa.margarida@ligacombatentes.org

Santarém

Rua Miguel Bombarda, 12 2000-080 Santarém - Tel: 243 324 050 liga.santarem@sapo.pt

São Teotónio Rua do Comércio 4

san tentonin@ligacombatentes orgint Seixal Estádio da Medideira, Praceta Estevão Amarante - Amora

2845-430 Seixal - Tel: 914 934 991

7630-620 São Teotónio - Tlm: 914 272 306

seixal@ligacombatentes.org

Sesimbra Travessa Cândido dos Reis, 9, 1.º 2970-789 Sesimbra - Tel: 210 867 160 sesimbra@ligacombatentes.org.pt

Setúbal

Rua dos Almocreves 62 r/c 2900-213 Setúbal Tel: 265 525 765 - Tlm: 913 531 745 setubal@ligacombatentes.org

Sintra

Rua Dr. António José Soares, 2 - Portela 2710-423 Sintra - Tel: 219 243 288 Tlm: 925 663 075 sintra@ligacombatentes.org

Tábua Rua do Bairro da Paz, 19

Tarouca Edifício Ponte Pedrinha, Bloco 3, r/c Esgº 3610-134 Tarouca - Tlm: 939 353 837

tarouca.combatentes@hotmail.com

Rua TCor Melo Antunes, 2, r/c - Dto.

3420-021 Candosa - Tlm: 968 404 272

tabua@ligacombatentes.org

Tavira

8800-687 Tavira - Tlml: 914719 477 tavira@ligacombatentes.org.pt Praceta Dr. Raul Lopes, 1, r/c

2300-446 Tomar - Tel/Fax: 249 313 411

Torres Novas

Rua Miguel de Arnide Prédio Alvorão 69-A r/c - C 2350-522 Torres Novas - Tel: 249 822 038 torres.novas@ligacombatentes.org

Torres Vedras Rua Cândido dos Reis, 1-A - 1º (Ed. Ex-SMAS)

tomar@ligacombatentes.org

Anartado 81 2560-312 Torres Vedras - Tel: 261 314 175 torres.vedras@ligacombatentes.org.pt

Vendas Novas

Rua General Humberto Delgado, 47-C 7080-167 Vendas Novas - Tel: 265 087 654 vendas novas@ligacombatentes org

Viana do Castelo

Rua de S. Pedro, 37 - R/C 4900-538 Viana do Castelo - Tel: 258 827 705 viana.castelo@ligacombatentes.org

Vila França de Xira

Rua da Barroca de Baixo. 9/9-A 2600-112 Vila Franca de Xira Tel: 263 276 146 - Tlm: 915 750 540 vfxira@ligacombatentes.org

Vila Meã

Largo da Feira, 66 – Ataíde 4605-032 Vila Meã - Tel: 966 825 168 vila mea@ligacombatentes org pt

Vila Nova Foz Côa

Travessa Zeca Afonso

Largo Conde de Amarante,

Edifício do Governo Civil r/c

Tel: 269 185 254

Vila Real

7500-100 Vila Nova de Santo André

5000-529 Vila Real - Tlm: 919 068 445

vilareal.ligacombatentes@gmail.com

Rua Almirante Cândido dos Reis, 86

Bairro Santo António - Rua I, Lote 99

7160-120 Vila Viçosa - Tel: 968 647 124

8900-254 Vila Real de Santo António

Vila Real de Santo António

Tel/Fax: 281 544 877

Vila Viçosa

Vinhais

Vizela

Áustria

São Romão Ciladas

combatentesvrsa@gmail.com

imdlones1970@hotmail.com

Rua Tenente Assis Gonçalves, 1

Rua da Prebenda, 3, R/C

Casa das Colectividades

vizela@ligacombatentes.org

Wien Taekwondo Centre

Auf der Schmelz 10

1150 Vienna - Austria

Tel: +436764249138

CEP: 30150 220

Bissau - RGB

Bordeaux (Franca)

B14 Cours Journa Auber

cesar@cesarvalentim.com

Belo Horizonte (Brasil)

Associação Nacional dos Veteranos da Força

Cor INF PQ Chauky Danif - Tel: 002456637031

F – 33300 Bordeaux - Tel: + 33 6 23 190183

Expedicionária Brasileira – Regional BH

Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil

Av a Francisco Sales 199 - Bairro Floresta

viseu@ligacomhatentes.org

Tel: 273 106 169 - 5320-337 Vinhais

3500-173 Viseu - Tel: 232 423 690

Av.ª dos Bombeiros Voluntários, 415

4815-394 Vizela - Tlm: 910 428 090

e no estrangeiro

5150-542 Foz Côa - Tel: 279 098 180 Nampula nucleodefozcoa@amail.com Cônsul de Portugal D. Maria de Lurdes - Tel: +258 26212162

Vila Nova de Santo André Coletiva do Bairro Azul. B 6 - R/C Dto

Paris et d'Ile-de France 133. Rue Falquière, Hall D1, Appt. 212 75015 Paris - France +33(0) 658037099 nucleocombatentessantoandre@gmail.com georges.viaud@gmail.com

Cabo Verde - S. Vicente/Mindelo

Ed. Centro Comercial Chong Fok. 10° E-J

Hong Kong e Macau (China)

Lillers et Environs (França)

Portugais de Lillers et Environs 44,

Rue du Cavin - 62151 Burbure

Montreal, Quebec (Canadá)

Lique D'Anciens Combattants

Lilers - France

Candiac Oc

JSB OB6 Canadá

Tel: 450 659 02 07

asantiago41@hotmail.com

Tel: + 03 21 02 42 76

70. Rue de Sofia, Apt.3

Leonildo Monteiro

Tel: +2389915367

Av. Marciano Batista, 26

Nova Inglaterra (USA) 6. General Sherman Street Taunton MA - 02780 USA evdefaria@yahoo.com

Richebourg (França) 61, Rue des Haies 62136 Richebourg France - Tel: +33321613870

I.Avenir.sas@gmail.com

Roubaix (Franca) Association Socioculturelle des Anciens Combattants des Ex-colonies Portugaises Núcleo de Roubaix da Liga dos Combatentes 48, Rue Bavai - 59100 Roubaix - France

Timor-Leste

+670 78104896

Toronto, Ontário (Canadá) Ontário Assotiation of Portugueses Veterans 2000 Dundas Street West Toronto ON M6R 1W6 Tel.: +416 533 2500 +647 221 7034 - +647 292 3828

combatentes toronto@gmail.com

Turlock, California (USA) 9143 Countryside Ave - Delhi 95315, California - USA

Winnipeg, Manitoba (Canadá) 1331 Downing St. Winnipeg Manitoba, R3E 2R8 - Canadá Tels: 204 772 1760/228 1132

R esidências senior

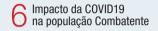
Porto (Creche Jardim de Infância e Lar)

Complexo Social Nossa Senhora da Paz da Liga dos Combatentes Rua Öliveira Monteiro, n.º 887 4050-446 Porto Tel: 228 329 417 complexosocial porto@ligacombatentes org pt

Às Quintinhas 7100-074 Estremoz Tel: 268 334 204

Estremoz (Lar) Residência de São Nuno de Santa Maria da Liga dos Combatentes

Estrada Nacional 18 residenciasocial.estremoz@ligacombatentes.org





Jorge Sampaio e a Liga dos Combatentes



A vida em combate dos soldados portugueses na Grande Guerra



25 Monumento aos Combatentes do Ultramar - Valongo



A Identidade Nacional e a Identidade do Combatente



36 Estórias da História Desaparecidos em Combate

Liga Solidária - Um Euro, Um Lar NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente	
Anónimode14-07-2021	,
Anónimo de 23-06-2021	30,84€
António Matos	10,00€
Daniel Alves Gouveia	50,00€
Donativos na Capela do FBS - 2.º Trim. de 2021	361,74€
Jorge Santos	200,00€
José Manuel Neves Figueiredo Ramos	50,00€
Manuel Jesus Sousa	
Maria Leonor Sousa	40,00€
Núcleo de Winnipeg (Canadá)	500,00€
Saldo em 19-08-2021	95.479,04€



Proprietário e Editor:

Liga dos Combatentes Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa Tel.: 213 468 245 - geral@ligacombatentes.org NIPC/NIF 500816905

Redação:

Rua João Pereira da Rosa. 18 - 1249-032 Lisboa

Joaquim Chito Rodrigues

Consultor:

Hélder Freire

Conselho Editorial:

Direção Central

Diretor Executivo:

José Geraldo

Editor (Redação):

Jorge Henrique Martins

Fotografia:

Hugo Gonçalves

Publicidade:

Elisabette Caboz

Tel.: 965 599 991 / 968 452 700

Secretariado:

Anabela Rodrigues anabelarodriques@ligacombatentes.org

Execução gráfica:

Departamento de Informática LC

Impressão:

Lisgráfica, S.A.

Rua Consiglieri Pedroso, 90 - Casal de Santa Leopoldina 2730-053 Barcarena - Tel: 214 345 444

Expedição:

Translista, Lda.

Rua Miguel Bombarda. 9 - Queluz de Baixo 2745-124 Barcarena - Tel: 214 266 886

46.000 exemplares

Depósito Legal:

210799/04 ISSN - 223 582

Nº. ERC - 101 525

Estatuto Editorial:

www.ligacombatentes.org/estatuto-editorial/

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos.

Capa: Continência no Afeganistão. Foto de António Rodrigues

A Construção da Paz, uma aspiração abrangente

a sequência daquilo que vimos fazendo há uma dúzia de anos a esta parte, sobre várias formas e de acordo com as circunstâncias, marchando, correndo ou discursando, estivemos, no dia 21 de setembro, no Forte do Bom Sucesso, em Belém. Sempre com o tema da Paz. Um tema que a ONU escolheu para este dia que definiu como Dia Internacional da Paz. Este ano, por circunstâncias sanitárias, evocamo-lo de forma tão simples, mas tão significativa e simbólica como foi o ano transato. Lemos e ouvimos uma mensagem do mais alto representante das Nações Unidas, Eng. António Guterres, o que significa que por mais simples que este ato seia, tem de facto elevado significado, porque se junta a outros pelo mundo inteiro, em rede, com a mesma finalidade e redobrada forca.

Lembramos aos Combatentes, e ao mundo, a importância da Paz. Paz, de significado abrangente e profundo. Que tem vários matizes, várias óticas, vários significados, embora se escreva apenas e sempre com três simples letras. Encontrámo-nos, a 21 de setembro, no Forte do Bom Sucesso. junto às lápides dos militares caídos na Guerra do Ultramar. Lugar de Paz Eterna. A Paz que faz desaparecer dos vivos, aqueles que deram vida e alma ao mundo e acabam por desaparecer, mas a quem os vivos continuam a dar vida. E nesse lugar, que é um lugar de Paz Eterna, a nós Combatentes, cumpre-nos dar vida a esses que deram a vida pela Pátria. É a Paz Eterna. Outra Paz que o próprio Secretário-geral das Nações Unidas evoca, que designamos por Paz Externa, opõe-se à Guerra, essa que nós conhecemos bem, porque passámos por ela. Paz e Guerra. Se há uns tempos atrás, a Paz tinha um conceito de ser um intervalo entre guerras, hoje o conceito mudou e, basta ouvir a mensagem do Secretário-geral das Nacões Unidas para sentirmos que esse conceito se alterou realmente e hoie, não há intervalos, mas sim em permanência Paz e Guerra. Há Paz e Guerra no globo. Um novo

estilo de guerra, imprevisível, assimétrica, mas que ameaça tudo e todos, sem sabermos quando e onde. Portanto, a Paz Externa tem hoje um conceito mais alargado e globalizado de convivência com mais um estilo de Guerra que ameaca as comunidades e os países independentes.

Paz externa... Há 200 anos que não somos invadidos. Estamos em Paz Externa? Não! Porque estivemos na Grande Guerra, porque estivemos na Guerra do Ultramar, porque as nossas Forcas Armadas são chamadas a ir para lugares onde é preciso impor ou manter a Paz. Porque os novos tipos de guerra e de ameaca não têm lugar definido onde ocorrem, portanto, temos uma paz externa onde a guerra é permanente, a ameaca é permanente. seja ameaça originada pelo homem, seia pela natureza. Para que é que contribui a Paz Exter-

na? Para a Paz Interna. Hoie vivemos numa Paz Interna porque vivemos em democracia. Em democracia não há inimigo interno. Devíamos por isso viver em Paz Interna, mas as circunstâncias. e a vida em comunidade, sabe-se muito bem, que resvalam para o crime, para a corrupção, para a instabilidade dentro da sociedade. Por isso há organizações que têm de se opor a essas circunstâncias, para que a Paz Interna prevaleça.

Não temos tido inimigo externo direto, a não ser aquele que ameaça o uma luta permanente. Felizmente neste mundo inteiro. Inimigo interno também não deveremos considerá-lo porque a democracia assim o permite. Sabemos muito bem, que há uns anos atrás, tínhamos um inimigo interno, porque assim era considerado pelo Governo que antecedeu o 25 de Abril. Mas mais do que todas estas formas de paz, há uma Paz Individual a considerar, a Paz do próprio Homem e do próprio cidadão que também tem matizes e variantes.

É fundamental que o cidadão tenha Paz Física, Paz Mental e Paz Social. É agui que nós, Liga dos Combatentes, temos que lutar, porque aqueles que se juntaram a nós, Combatentes como nós, militares como nós, suas famílias, necessitam de Paz Física, Mental e Social. É necessário lutarmos para que cada um de nós tenha cada vez mais. e a cada momento, tranquilidade física. mental e social. E onde faltar a Paz e a tranquilidade social, nós lutemos para que essa situação seia melhorada a todos aqueles que se juntaram a nós. E é isso que fazemos dia-a-dia, com tranquilidade, em quaisquer circunstâncias, sejam as ameaças físicas, sejam as ameacas da natureza.



Joaquim Chito Rodriques Tenente-General Presidente da Direção Central

Como tem acontecido recentemente. em que felizmente através da ciência e do esforco de muitos de nós, ultrapassámos e estamos a ultrapassar uma ameaça da natureza. O tema Paz, portanto, é um tema muito complexo. É canto à beira-mar plantado, dada a sua posição estratégica, tem sido protegido dessa ameaça global, real. O próprio Secretário-geral das Nações Unidas a revela, pedindo dela, um cessarfogo por 24 horas. Há, de facto, uma situação do mundo inteiro que vivemos, porque usufruímos de uma informação permanente e imediata e, portanto, sofremos tanto como aqueles que sofrem no próprio lugar, onde essa ameaça se transforma em agressão, dando origem a destruição e morte, bem como a refugiados que vão surgindo em todos os continentes.

Quando nos juntamos, como fizemos com a ADFA, no dia em que a ONU estabelece um Dia Internacional da Paz e, na linha dos Combatentes do mundo inteiro, representando a Federação Mundial dos Antigos Combatentes, a que pertencemos, e que também nos solicita para que marquemos este Dia da Paz, fazemos votos para que os Combatentes do mundo inteiro seiam protegidos e haja cada vez menos necessidade da sua utilização. Sinal de que o diálogo e o bom senso prevalecem.C

Impacto da Covid-19 na população Combatente

Estudo de monitorização 2.ª fase

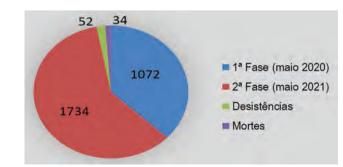
Resumo de estudo de monitorização – Fase 2, de amostra (clinica e social) de combatentes e familiares associados da Liga dos Combatentes, acompanhados pelos Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS). O Estudo/Artigo pode ser consultado no Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CEAMPS). Durante o mês de maio de 2021 – período pós 2º confinamento da pandemia (Covid-19), foram recolhidos novos dados junto de uma amostra de 1734 combatentes e familiares, sócios da Liga dos Combatentes, acompanhados pelos técnicos dos CAMPS em todas as regiões do país, para a continuação da 1ª fase do estudo, da qual partilhamos um resumo dos principais resultados. Pretendeu-se analisar e comparar alterações entre a 1ª Fase (maio de 2020) e a 2ª Fase (maio 2021).

Descrição/procedimento/objetivos: Foi utilizada a mesma base de dados da 1ª Fase para estudo e monitorização, cuio obietivo foi verificar as principais alterações no estado de saúde desta população relativamente à primeira fase de confinamento: 1. Autonomia para as Atividades de Vida Diária (AVD.s) e Rede de Suporte Social e Familiar: 2. Doencas crónicas mais comuns nesta população; 3. Perturbação/ sintomatologia psicológica; e 4. Tipo de apoio ou intervenção (médica, psicológica, social). O estudo exploratório de nível descritivo, comparativo e correlacional, pretendeu ainda analisar a relação entre estas variáveis ao nível da rede de suporte social, autonomia, tipo de intervenção e impacto da COVID-19, bem como analisar se existem diferencas estatisticamente significativas entre a faixa etária e as restantes variáveis em estudo. Os dados foram recolhidos pelos técnicos dos CAMPS através de entrevistas estruturadas com a duração média de 30 a 40 minutos.

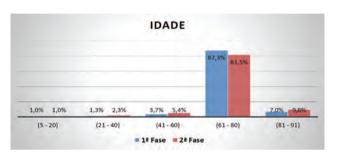
PRINCIPAIS RESULTADOS

1. Caracterização da amostra

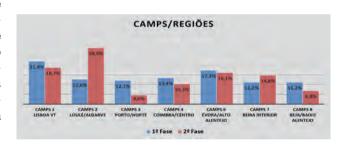
Comparativamente à primeira fase do estudo, monitorizaram-se mais 662 sujeitos e verificaram-se 34 mortes, 52 desistências.



As idades dos participantes variam entre os 5 e os 93 anos (M=71,04; DP=10,85), sendo que a maioria se concentra na faixa dos 61-80 anos (gráfico 2). Na primeira fase do estudo, as idades variavam entre os 12 e os 91, sendo a faixa predominante também a dos 61-80 anos.



Conforme gráfico 3, os participantes estão distribuídos pelos CAMPS/Regiões do País, com maior expressão dos Núcleos da região de Loulé - CAMPS 2 (28,8%), do CAMPS 1 Lisboa e Vale do Tejo (18,7%) e CAMPS 6 – Évora-Alto Alentejo (15,6%) e Beira Interior (14,8%). Participaram no estudo 62 Núcleos, distribuídos pelas regiões de atuação dos CAMPS.



2. Dimensões em estudo

a. Autonomia para as Atividades Vida Diária (AVD,s) e Rede de Suporte Familiar

A maioria dos participantes são autónomos e vivem com o cônjuge (entre 80,7% a 84%) ou parcialmente autónomos a viver sozinhos (10,2% a 11,3%), respetivamente.



Comparativamente à 1ª fase do confinamento, pode-se verificar através dos gráficos da Autonomia para as AVD's (gráfico 4) que a amostra em estudo mantém uma boa autonomia para a realização das suas atividades de vida diária, mesmo que com alguma ajuda (80,7% é totalmente autónomo). Em relação à Rede de Suporte Familiar (gráfico 5), isto é, com quem vivem e de quem têm mais apoio, de forma geral os participantes vivem com os seus cônjuges (70,6%). Ao compararmos com os resultados da 1ª fase do confinamento, conseguimos perceber que mais pessoas passaram a viver com os filhos após o 2º confinamento, diminuindo assim, a percentagem de quem vive sozinho.

Gráfico 5 - Rede de Suporte Familiar



b. Doenças crónicas mais comuns

Gráfico 6 - Doenças crónicas



De forma geral, a população apresenta mais do que uma doença crónica, sendo as Doenças Cardiovasculares (27,4%), bem como a Diabetes (17,7%) as doenças crónicas mais encontradas nesta população.

Relativamente à 1ª fase do confinamento verifica-se uma melhoria no estado de saúde física das pessoas tal como uma diminuição no número de casos positivos de COVID junto desta população. Isto poderá justificar-se pela retoma da atividade assistencial e de apoio médico, relativamente ao estado de saúde das pessoas no 2º confinamento e também um maior autocuidado e respeito pelas normas de segurança da DGS, e uma melhor adaptação às normas e aprendizagem de vivências em tempo de pandemia.

c. Perturbação/sintomatologia psicológica

As perturbações psicológicas que mais se evidenciam são a Ansiedade (29,9%) e Depressão (22,3%). Contudo, denota-se uma melhoria também aqui na saúde psicológica da população em estudo apesar de haver um ligeiro aumento de 0,1% na Ideação Suicida.

Esta diminuição de sintomas relativamente ao 1º confinamento poderá dever-se ao facto de já se conhecer um pouco melhor o vírus o que provoca menos medo e mais estabilização de sintomatologia crónica. No entanto, mantém-se uma significativa sintomatologia depressiva e ansiosa evidenciando a importância da constante monitorização e acompanhamento psicológico.

Gráfico 7 – Perturbações/sintomatologia psicológica



d. Tipo de apoio ou intervenção (médica, psicológica, social)

Gráfico 8 – Tipo de apoio prestado pelos CAMPS



O tipo de apoio que esta amostra mais procura é o apoio psicológico (23,1%), médico (15,2%) e psicossocial (10,4%). Comparando as duas fases de confinamento, observa-se uma maior procura pelo apoio médico na 2ª fase.

e. Relação entre variáveis



Encontramos duas relações mais significativas nesta 2ª Fase da pandemia (covid-19):

- Mais doenças crónicas, menos autonomia e mais perturbações psicológicas.
- Mais idade, mais ansiedade, depressão, perturbação de pânico, e ideação suicida.

Outras relações:

 O COVID-19 está relacionado com a depressão e irritabilidade, sendo duas perturbações psicológicas muito recorrentes em pessoas que vivenciaram experiências próprias de COVID ou de pessoas e familiares próximos.

- Foi detetada uma relação entre o CAMPS que presta apoio aos combatentes e o tipo de intervenção tal como entre a localidade e a autonomia. Isto porque cada CAMPS tem ao seu dispor diferentes recursos e na questão de localidade vs autonomia pode ter aqui uma componente cultural bem como o espaco e recursos que a pessoa tem disponíveis. Por exemplo, no interior do país e nos meios rurais, como há muito a tradição dos campos e terrenos de cultivo, estas ocupações conduzem a uma maior autonomia por parte das pessoas.
- Outra observação foi que quem vive sozinho tem mais probabilidade de desenvolver Diabetes ou HTA/doenças Cardiovasculares, sentimentos de solidão, mas também desenvolve mais autonomia. Por outro lado. quem vive com os seus filhos, são os que apresentam uma maior vulnerabilidade nos processos demenciais, ansiedade, depressão e perturbações de pânico.
- A idade avançada pode estar relacionada com algumas perturbações psicológicas o que poderá ser justificado pelo acumular de experiências, muitas vezes negativas, a falta de acompanhamento numa fase mais precoce e alguma dificuldade de transição para a velhice e reforma.

PRINCIPAIS CONCLUSÕES/REFLEXÕES

Com esta segunda análise dos dados da 2ª Fase de confinamento pode concluir-se que:

- Nesta 2ª fase consequiu-se monitorizar uma maior amostra com um intervalo de idades maior que na primeira fase, contudo, a faixa etária predominante, tal como na 1ª fase, situa-se entre os 61 e os 80 anos.
- Apesar dos níveis de autonomia terem diminuído um pouco, relativamente à 1^a fase (84%); 2^a fase (80,7%). o nível de autonomia mantem-se elevado, isto é, os combatentes e os seus agregados familiares continuam com capacidade para realizar as suas atividades de vida diárias autonomamente.
- De forma geral a amostra continua a ter uma boa rede de suporte social e Familiar, uma vez que apenas 15,4% está a viver sozinho, no entanto nesta 2ª fase verificou-se um aumento no número de pessoas que vive com os filhos (5,8% para 12,6%).
- O estado de saúde da amostra melhorou, seia ele físico ou mental. Uma maior procura por acompanhamento médico pode explicar esta diminuição na percentagem de utentes com doenças crónicas. Todavia, a Hipertensão/Doenças Cardiovasculares e Diabetes continuam a ser as doenças crónicas mais comuns nesta população, tal como a Ansiedade e Depressão. A diminuição da procura por apoio psicológico nesta 2ª fase de confinamento poderá dever-se ao facto de uma maior estabilização dos sintomas, habituação à

- situação actual, mais informação sobre o vírus que já tem um plano de vacinação abrangente a esta populacão, o que diminui também o sentimento de medo.
- Existem muitas comorbidades e doenças crónicas e psicológicas, levando a uma menor autonomia das
- Uma relação entre a idade e as perturbações psicológicas, isto é, quanto mais idade mais sintomas psicopatológicos surgem, sugerindo a importância de promover a saúde mental em idades menos avançadas.
- A localidade/Região foi outra variável com uma relação positiva com as perturbações psicológicas, ou seja, existem certas regiões que pela tranquilidade, espaco e outras condições de realização de atividades ocupacionais que oferecem, facilitam a diminuição de sintomas psicopatológicos como a ansiedade e a de-
- A solidão ainda é muito sentida pela amostra (12.1%). Apesar de quem vive sozinho sentir solidão, o que é normal, existem algumas estratégias para diminuir es-
- Verificou-se uma relação entre viver com filhos está relacionado com maiores índices de demência. Isto pode ser originado pelo facto de muitas vezes, quando os pais vivem com os filhos perdem algumas responsabilidades, autonomia e outras atividades que são estimulantes cognitivamente. A elevada dependência dos pais em relação aos filhos/cuidadores pode explicar a perda de atividade cognitiva e funcional.

Em síntese: Os resultados apresentam-se muito interessantes e vão de encontro a outros estudos realizados com a população em geral.

Estes resultados são importantes indicadores para orientação no apoio à prevenção e intervenção dos técnicos dos CAMPS nesta fase pandémica.

Nesta 2ª fase do estudo os técnicos monitorizaram e acompanharam mais casos, para além da amostra clínica seguida na 1ª fase, o que demonstra um major envolvimento e sensibilização para chegar a mais combatentes e não se focar apenas na amostra clínica seguida com regularidade.

O estudo continua em curso na monitorização/acompanhamento da amostra, e de acordo com a evolução da situação pandémica, Covid-19. Prevendo-se nova monitorização na fase pós-covid.

Estudo realizado pelo CEAMPS, com apoio dos CAMPS e Núcleos e colaboração da Estagiária da OPP, Dra Maria Vieira. G

Realizam-se no dia 08 de outubro, em Lamego, as III Jornadas de Apoio Médico, Psicológico e Social, cuja temática "O Passado, o Presente e os desafios do Futuro". como chegámos até agui.

O evento pode ser consultado em www.ligacombatentes.org

Cerimónia Militar Comemorativa do Dia de Portugal **Funchal**

10 de junho de 2021

Presidente da República e Comandante Supremo das Forcas Armadas presidiu, no Funchal, Região Autónoma da Madeira, à Cerimónia Militar Comemorativa do Dia de Portugal. de Camões e das Comunidades Portuquesas.

O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, que chegou a pé à Praça da Autonomia, foi recebido pelo Ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho, e pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro. Tomados os lugares protocolares, a Cerimónia Militar teve início com a execução do Hino Nacional pela Banda Militar da Madeira e, em simultâneo, a Fragata "Álvares Cabral", fundeada na Baía do Funchal, executou uma salva de 21 tiros.

No seguimento, o Presidente da República, acompanhado pelo Comandante das Forças em Parada, Tenente-Coronel Piloto Aviador, José Dias, passou revista às Forcas em Parada.

Com o Comandante Supremo das Forcas Armadas na Tribuna Presidencial, teve lugar a Cerimónia de Homenagem aos Mortos que incluiu um sobrevoo de homenagem por uma esquadrilha de aeronaves F-16M da Força Aérea.

Antes da intervenção do Presidente da República, coube a Carmo Caldeira, Médica do Serviço Nacional de Saúde da Região Autónoma da Madeira e Presidente da Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas a primeira intervenção.

Finalizado o período de intervenções. iniciou-se a cerimónia de imposição de condecorações, distinguindo os serviços prestados ao País, no exercício de funções, pelos três Ramos das Forças





Armadas, com imposição das insígnias de Membro Honorário da Ordem Militar de Cristo aos Estandartes Nacionais do Estado-Maior-General das Forcas Armadas, do Estado-Maior da Armada, do Estado-Maior do Exército e do Estado-Maior da Força Aérea.

Seguiu-se o desfile das Forças em Parada, em continência ao Presidente das Forças Armadas, que iniciou com o Bloco de Estandartes Nacional, com Escolta de Honra constituída por um

Pelotão de Cadetes da Academia da Força Aérea, a que se seguiram uma formação de Antigos Combatentes, um pelotão da Marinha constituído por militares do Batalhão de Fuzileiros N.º 1. um pelotão do Exército pertencente ao Regimento de Guarnição N.º 3 da Zona Militar da Madeira e um Pelotão do Centro de Formação Militar e Técnica da República e Comandante Supremo da Força Aérea, o Desfile Militar, finalizou com um sobrevoo da esquadrilha de aeronaves F-16M da Força Aérea.

Fonte: www.presidencia.pt C

O Presidente Jorge Sampaio e a Liga dos Combatentes

Dr. Jorge Sampaio, enquanto Pre- na parte inferior. No campo da moeda. sidente da República, para além de ser Comandante Supremo das Forcas Armadas, foi também Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes, e o seu falecimento recente veio trazer à memória factos que foram de relevo para a Instituição Liga dos Combatentes.

Em 29 de janeiro de 1999, autoriza a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, E. P., a cunhar uma moeda comemorativa. de prata, alusiva ao 75.º aniversário da Liga dos Combatentes, com o valor facial de 1000\$00: «Assim, e considerando que a Liga dos Combatentes se desenvolveu sempre dentro dos mais sagrados princípios de bem servir e de honrar a Pátria e a humaméritos oficialmente reconhecidos para poder alargar e melhorar ações de reconhecida utilidade pública, iulga-se da maior oportunidade assinalar este evento com a emissão de uma moeda comemorativa cunhada em metal precioso e com elevado valor facial, acontecimento.»

parte superior, a legenda «LIGA DOS COMBATENTES» e, na parte inferior, «1923-1998». A figura central representa um ramo de oliveira, simbolizando a paz, mantida e sempre defendida por uma espada vitoriosa, com todo o ideal combatente que ela representa.

A gravura do reverso apresenta a legenda «REPÚBLICA PORTUGUESA» na parte superior e o valor de 1000\$00

em primeiro plano, a imagem das cinco quinas representa Portugal e o ideal pátrio do combatente português, cujo valor é simbolizado pela cruz de guerra, em plano imediato. Em fundo, a esfera armilar invoca o universo histórico do combatente português. Os lucros da amoedação destinada à distribuição pública pelo respetivo valor facial foram postos pelo Ministério das Financas à disposição da Liga dos Combatentes, este Decreto foi promulgado em 19 de janeiro de 1999 pelo Presidente da República, Jorge Sampaio. E é no mandato do Presidente da Liga dos Combatentes, General Morais Barroco (1996-2000), que em 5 de fevereiro de nidade e que tem uma organização própria e 2000, foram inauguradas pelo Presidente da República Dr. Jorge Sampaio, as lápides com os nomes dos militares caídos em missão, que comecaram a ser colocadas em julho de 1999 por ano, ordem alfabética e posto.

Em 16 de outubro de 2003 enviou à adequada à projeção nacional deste notável Liga dos Combatentes uma mensagem pelo 80.º aniversário da instituição, afir-A gravura do anverso contém, na mando: «Presto assim a minha homenagem aos antigos combatentes, à sua dedicação e sacrifício, associando-me como Presidente da República a esta cerimónia e ao profundo significado que esta comporta.»

> Em 17 de abril de 2004, deslocando-se ao Mosteiro da Batalha para celebrar o Dia do Combatente, normalmente celebrado a 9 de abril, proferiu um discurso em que, após o agradecimento à Liga, lembra todos aqueles

que combateram em nome de Portugal, e que a República não pode, nem deve esquecer a dedicação e o sacrifício desses portugueses, por isso lhes prestando homenagem.

Sublinhou o fator de as Forças Armadas Portuguesas terem desempenhado missões em teatros tão diferentes como o Kosovo, Timor-Leste, Bósnia e Herzegovina, Guiné-Bissau, Angola e Moçambique, ou o Afeganistão, com um desempenho sempre exemplar e por todos louvado, muito contribuindo para a afirmação de Portugal no Mundo, sublinhando o reconhecimento internacional que elas acarretam para Portugal, «Por isso, neste dia do Combatente, devemos também lembrar as ações levadas a cabo pelas Nacões Unidas, pela União Europeia e pela NATO, ou ainda no contexto da cooperação militar com países amigos e afirmando-nos como um país consciente dos seus deveres em termos da manutenção da paz, da segurança e da estabilidade internacionais. Curvar-nos-emos, dentro de momentos perante o túmulo do Soldado Desconhecido, em homenagem aos militares que morreram ao serviço de Portugal. Esta homenagem da República deixa claro que a perenidade de Portugal está intimamente associada aos milhares dos seus soldados que morreram em combate. Não há grandeza maior do que a daqueles aue morreram sem se auererem heróis.

É a todos os militares portugueses que, ali dentro, naquela capela, vamos prestar a homenagem e o tributo de reconhecimento que lhes é devido.»

Em 1 de maio de 2004, em França,

visita o cemitério Português de Richebourg. É a primeira vez que um Presidente da República Portuguesa presta homenagem aos 55.000 soldados portugueses que participaram na Grande Guerra e ao Corpo Expedicionário Português, deixando no local iunto à bandeira de Portugal uma placa de mármore com a inscrição em letras douradas: "Homenagem do Presidente da República Dr. Jorge Sampaio ao Corpo Expedicionário Português. 1 de maio de 2004".



Em 07 de outubro de 2005 conferiu



Na seguência da sua permanente preocupação em Honrar os Mortos por Portugal e dignificar os vivos que se bateram ao seu serviço, com risco da própria vida, a Liga dos Combatentes tem, com êxito, promovido a cultura, o ensino, o trabalho e a solidariedade social em benefício geral do País e dos seus membros. É assim ato da maior e elementar justiça considerar os serviços prestados ao País pela Liga dos Combatentes ao longo

ou de Paz, a Liga dos Combatentes tem-se

perfilado como uma Instituição cujos relevan-

tes serviços prestados ao País merecem o

respeito e a gratidão dos portugueses.



Jorge Sampaio em visita ao Cemitério Português de Richebourg, 01 de maio de 2004

Mensagem de condolências da Liga dos Combatentes

A Liga dos Combatentes que teve como Presidente de Honra do seu Conselho Supremo, o Dr. Jorge Sampaio, enquanto Presidente da República, recorda com profundo reconhecimento o apoio sempre dado à causa dos Combatentes e o seu sentimento expresso em significativo louvor à nossa Instituição.

Neste momento de tristeza dos portugueses, a Liga dos Combatentes apresenta à família do Dr. Jorge Sampaio, as mais sentidas condolências.

dos seus 82 anos, quer em tempo de Paz boa nas comemorações do centenário

quer de campanha, como extraordinários,

visita a Liga dos Combatentes e em 4

de novembro de 2018 esteve presente

na cerimónia militar realizada em Lis-

muito relevantes e distintíssimos.»

O Presidente da Liga dos Combatentes Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues



do Armistício da Grande Guerra, sendo a Avenida da Liberdade o palco das Em 22 de novembro do mesmo ano comemorações que contou com a presença de altas figuras do Estado, civis e militares. Isabel Martins C

A Vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial (1914-1918)



Fernando Rita Tenente-Coronel

A Primeira Grande Guerra em Mocambique

Asecundário e periférico, não deixava de ser um centro de grande interesse para as grandes potências, resultante da sua posição geográfica e da importância que os seus portos tinham como ponto de entrada para os países vizinhos. Constituía ainda um território valioso devido à riqueza resultante da sua exploração agrícola, complementada de forma determinante pelo valor do seu subsolo. Por estas razões, o império africano alemão constituído na época pela actual Namíbia, Tanzânia, Togo e Camarões, teve sempre propósitos sobre o território de Moçambique. Os alemães, à semelhança do projecto da Média Europa, um conceito político de uma Alemanha dominadora da União Europeia Central, que foi colocada em movimento durante a primeira guerra mundial. idealizavam também no final da grande guerra, redistribuir as possessões coloniais portuguesas, belgas e francesas, de forma a constituir a designada Média África Alemã. Foi com base nesta finalidade que a Alemanha e a Inglaterra, quer em 1898 guer em 1913, chegaram mesmo a formalizar acordos secretos onde era decretada a partilha das colónias portuguesas.

Neste contexto, o objectivo de Portugal na guerra em Moçambique foi essencialmente duplo. Pretendeu-se recuperar a parcela já perdida do território do Quionga na posse dos alemães e, ao mesmo tempo, conseguir a passagem para a margem norte do rio Rovuma em território inimigo, com o objectivo estratégico de contrariar definitivamente as intenções alemãs de se apoderarem da colónia portuguesa. No início da guerra em 1914, Moçambique caracterizava-se por ser uma colónia com uma superfície oito vezes e meia superior à da metrópole, possuindo na época uma população essencialmente autóctone que andava na ordem dos quatro milhões de indivíduos. A esta população, juntavam-se os cidadãos europeus de origem portuguesa, que rondariam os vinte mil habitantes, fazendo desta colónia a segunda maior depois de Angola. Por sua vez a zona de operações no Norte

de Mocambique, onde decorreram as principais manobras militares durante a primeira guerra, tinha como característica particular a densa florestação, com árvores de grande porte que dificultavam de forma significativa a marcha e a segurança das tropas. A existência do capim também não ajudava às operações militares, porque limitava os campos de observação e de tiro, favorecendo, no entanto, a aproximação pelo efeito surpresa, o que tornava a arma de infantaria a mais aiustada a este tipo de cenário.

Da mesma forma, a travessia e utilização das margens do rio fronteira Rovuma nas operações militares, era igualmente influenciada pelas estações, piorando consideravelmente ↑ pesar de Moçambique constituir um teatro de operações com a época das chuvas. Existiam, no entanto, locais que permitiam a fácil travessia da fronteira nos dois sentidos. Era o caso da foz do rio Lugenda em Negomano, e a zona da Serra Mecula. Também nas proximidades do lago Niassa era possível atravessar a fronteira, sem ser pelo rio. No entanto, foram as doenças o factor que mais assolou as tropas metropolitanas na região. Entre elas constava as doenças do tipo respiratório como Bronquites, Gripes e Pneumonias, as derivadas da má qualidade da água como as Disenterias, as provocadas por deficiências alimentares como o Escorbuto, e ainda as infecto-contagiosas devido às poucas condições de higiene que os militares praticavam na época, a par das enfermidades tipicamente tropicais, como a Malária.

> Foi neste enquadramento, que a 4ª Expedição comandada pelo Coronel de Cavalaria Tomás de Sousa Rosa, foi escalonada a partir de Portugal entre Julho e Outubro de 1917 e chegou a Mocímboa da Praia em 12 de Setembro de 1917. assumindo o comando no novo centro do dispositivo militar português em Chomba a partir de 23 de Setembro, de onde podia controlar a rede de postos a sul do Rovuma e acudir a qualquer posto, pelo menos até Negomano. Com cerca de



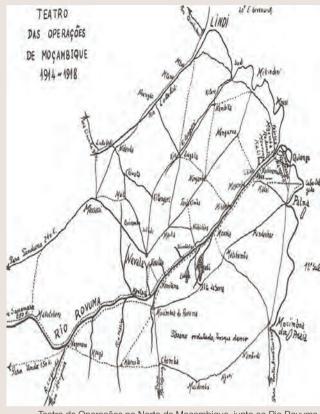
Mapa com a zona de operações na fronteira do Rovuma, no norte de Moçambique. Fonte: General Ramires de Oliveira, História do Exército Português, p.197.

9 000 homens que tinham vindo da metrópole, a expedição era então reforçada com elementos da anterior expedição do general José Ferreira Gil, aos quais se juntaram os elementos da guarnição de Moçambique, que iria elevar o seu efectivo para cerca de 12 500 homens. A mesma teve como principal objectivo, a cooperação e coordenação com as forças aliadas, com a intenção de guarnecer e atrair sobre as suas posições no rio Rovuma as tropas alemãs, o que permitia aliviar a pressão dos mesmos sobre os ingleses e os belgas. Desta forma o comando aliado informou Sousa Rosa das suas intenções de continuar a empurrar o inimigo para o Rovuma, devendo os portugueses reforçarem as defesas daquele rio, tendo oferecido inclusivamente forcas para o efeito. Esta expedição tinha na sua composição base: o 3º Batalhão de Infantaria 29 de Braga; o 3 º Batalhão de Infantaria nº 30 de Bragança e o 3º Batalhão de Infantaria do nº 31 do Porto; uma Companhia de Engenharia (Lisboa); Duas Baterias de Artilharia de Montanha (Évora): Duas Baterias de metralhadoras; Serviço de Saúde; Serviços Administração Militar e uma esquadrilha de Aviação com três aviões F- 4, constituída por três pilotos e três mecânicos, sob o comando do tenente João Moura.

A campanha de Moçambique que teve o seu início com o ataque Alemão ao posto fronteiriço de Maziúa em 25 de Agosto de 1914, na região do Rovuma, prolongou-se por mais quatro anos entre 1914 e 1918. Com a participação de cerca de 40 000 combatentes, entre tropas da metrópole e indígenas, foram contabilizados nas quatro expedições enviadas por Portugal para este teatro de operações, cerca de 4 800 mortos, 1 584 feridos, 678 prisioneiros de guerra, 5 467 desaparecidos e 1 283 incapazes. O armistício de 1918. veio encontrar as tropas portuguesas cansadas ao nível físico e moral. Mas logo após a retirada dos alemães, a sua missão não acabava por aqui, tendo sido atribuído mais um encargo lento e esgotante.

Procedeu-se então à reconstrução e beneficiação dos vários postos militares de fronteira com o apoio das populações autóctones, que depois de reparados foram novamente retomados por guarnições portuguesas. Contudo, só em 1919, através das deliberações do Tratado de Versalhes, Portugal obtém o reconhecimento da integridade das colónias portuguesas e vê solucionada a questão da restituição do Quionga, território de Moçambique ocupado pelos alemães em teatro de guerra africano e, principalmente, no europeu.

Contaremos de seguida, as histórias de vida em combate. de dois portugueses que lutaram nos campos do norte de Moçambique durante a 4ª Expedição enviada por Portugal, para esta colónia. Vivências de guerra, que tem aspectos comuns e diferenças, como tantas outras experiências que ocorreram neste teatro de operações africano. Estes relatos permitem-nos dar a conhecer apenas uma pequena parte da história de uma grande maioria de combatentes desconhecidos que lutaram igualmente nesta zona de combate. As suas histórias até agora ignoradas constituirão uma lembrança de



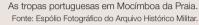
Teatro de Operações no Norte de Moçambique, junto ao Rio Rovuma. Fonte: TCor Alberto de Almeida: A Artilharia Portuguesa na GG: p.281.

muitas outras histórias que aqui não poderemos acrescentar.

A experiência em combate destes militares que passaram por uma existência difícil e esgotante teve como razões não só as acções de conflito em que participaram, mas também a adversidade do clima onde actuaram. As mesmas atingiram em alguns casos contornos verdadeiramente trágicos, como aconteceu com o combatente maiato Armindo António Coelho.

Os Expedicionários do Rovuma

Um dos muitos expedicionários anónimos que passaram pelo norte de Mocambique, iunto ao Royuma, foi o Soldado Manoel Pedro que nasceu em Cadeireiros, na Paróquia de Santa Maria do Castelo, no concelho de Tavira, em 16 Setembro de 1894. Trabalhador Rural, com 1,62m, era um homem de rosto oval, olhos castanhos, cabelo e barba castanha. Analfabeto, foi incorporado no Regimento de Infantaria nº 4, em Tavira, em 13 Maio de 1915, quase com 21 anos, para cumprir o Serviço Militar Obrigatório. Após mais de três 1894, conquistas que resultaram do esforço português no meses na escola de recrutas, seria mais tarde transferido para o Regimento de Infantaria 24, sedeado em Aveiro, em 9 de Outubro de 1917. Nessa altura era então destacado para a província de Moçambique, em 18 de Outubro de 1917, onde começou o seu serviço em campanha, integrado na quarta e última expedição enviada pela metrópole, comandada como foi referido pelo Coronel Cavalaria Tomás de Sousa Rosa. Soldado com n.º 772, da 9ª Companhia do 3º Batalhão de Infantaria 24, iria então fazer parte de uma força que já tinha sido mobilizada por ordem do governo republicano português para território moçambicano em Maio de 1916. O nosso expedicionário fazia assim parte de um conjunto de elementos





Deslocamento de tropas portuguesas no Rio Rovuma. Fonte: Espólio Fotográfico do Arquivo Histórico Militar.

que reforçariam essa mesma força, tendo sido transportados na época pelos vapores portugueses Moçambique e Lourenco Marques, que desembarcariam no porto de Mocímboa da Praia, em 23 de Novembro de 1917.

Numa 1ª fase estacionou no aquartelamento de Mocímboa em treinos, quando no dia 25 de Novembro de 1917, iá os alemães comandados por Von Lettow, invadiam Moçambique com 15 companhias. Neste dia teria lugar o combate de Negomano na foz do rio Lugenda com o Rovuma, primeira sucesso num ponto-chave da fronteira, foram criadas condições para os alemães se internarem mais profundamente no território Moçambicano. Mais tarde iriam ocupar a Serra de Mecula iá no mês de Dezembro de 1917, tendo chegado Von Lettow à região de Quelimane em meados do próximo ano, com o combate decisivo desta expedição a ocorrer em Nhamacurra, entre os dias 1 e 3 de Julho de 1918. Este evento constituiria mais um dos insucessos militares para as forças aliadas, quando na altura foram atacadas pelo destacamento alemão Poppe, das forças do Tenente-Coronel Paul von Lettow-Vorbeck.

O nosso soldado, acabou por integrar a guarnição portuguesa que juntamente com uma força inglesa estiveram envolvidas neste marco militar da 4ª expedição da metrópole a Moçambique, no ano de 1918. No entanto, mais tarde, Manoel Pedro conseguiria embarcar de regresso à metrópole em 17 de Junho de 1919, onde desembarcaria em Lisboa em 13 de Julho. Foi na altura colocado no Regimento de Infantaria nº4 em Tavira, no dia 20 de Julho de 1919, após quase dois anos de serviço na província de Moçambique. Por fim receberia a ordem para se domiciliar na freguesia de São Tiago, no concelho de Tavira, em 19 de Outubro de 1919, após ter cumprido parte do serviço militar a que estava obrigado.

Neste cenário, trazemos ainda aqui a história do Soldado Armindo António Coelho, nascido no Monte do Arco, na freguesia de Águas Santas, que pertence ao concelho da Maia, no dia 7 Julho de 1896. Foi incorporado no Regimento de Infantaria n.º 31, no Porto, em 14 Abril de 1917, quase com 21 anos, para assim cumprir o seu Servico Militar Obrigatório. Pedreiro analfabeto, com 1,61m, era um homem de rosto oval, olhos castanhos, cabelo e barba castanha, Após três meses na escola de recrutas, seria colocado na mesma

Porto, em 15 de Julho de 1917. Seria posteriormente destacado para a província de Moçambique, em 24 de Setembro de 1917, onde começaria o seu serviço em campanha, integrado tal como o militar algarvio, na 4ª e última expedição enviada pela metrópole, comandada pelo Coronel Cavalaria Sousa Rosa, como soldado no seu caso, com o n.º 494, da 12ª Companhia do 3º Batalhão de Infantaria 31. A força do nosso expedicionário foi transportada pelo vapor Portugal, tendo desembarcado igualmente em Mocímboa da Praia, em grande derrota portuguesa, desta expedição. A partir deste 23 de Novembro de 1917, como o seu conterrâneo de Tavira. Iria passar com a sua unidade pela mesma sucessão de acontecimentos e sequência de batalhas que tinham envolvido as forças do Regimento de infantaria 24 do soldado Manoel Pedro, Armindo Coelho, no entanto, não teve a mesma sorte que o seu camarada, nesta sua derradeira experiência de combate. Não iria regressar à metrópole, porque acabaria por morrer em serviço nesta colónia, com Paludismo, em 29 de Novembro de 1918, mais de um ano após ter chegado a este teatro de operações. Foi um dos 54 Maiatos que morreram em Moçambique, sendo sepultado no antigo cemitério de Lourenço Marques, no coval com o número 14 186.



O quotidiano em combate das tropas portuguesas junto ao Rio Rovuma. Fonte: Espólio Fotográfico do Arquivo Histórico Militar.

BIBLIOGRAFIA

RITA, Fernando; Na Sombra do Expedicionário: A Vida em Combate de Soldados Portugueses na Primeira Guerra Mundial: Editora Fronteira do Caos

RITA. Fernando: Com a Vida Tão Perdida: Diário de um Prisioneiro na Primeira unidade. sediada no Convento de São Bento da Vitória, no Guerra Mundial; Editora Fronteira do Caos, Porto, 2016. C

Eduardo Rodrigues da Costa

O primeiro militar português morto em combate, na Grande Guerra

José de Sousa Conteiro

Sargento-Aiudante

om o objetivo de desviar tropas Ualiadas da frente europeia para aliviar a pressão sobre a Alemanha e aí facilitar a progressão das suas tropas. o general alemão Paul Emil Von Lettow Worbeck, baseado na África Oriental Alemã (atual Tanzânia) inicia uma guerra de guerrilha, novidade para a época, e atravessa o rio Rovuma várias vezes. penetra em Moçambique e, numa das vezes, chega até Quelimane. Ele e as suas tropas, apesar de isolados da mãe Pátria¹, são a única força alemã que chega ao fim da guerra sem nunca ser derrotada e os únicos que colocam as botas em possessões inglesas. Daí o respeito que lhe demonstrou, na rendição, o seu amigo (inimigo pelas circunstâncias) e general sul-africano. Jan Christian Smuts.

A sua primeira vítima militar portuguesa (24 de agosto de 1914) foi Eduardo Rodrigues da Costa, sargento enfermeiro da Armada Portuguesa, que era chefe do posto sanitário e fronteiriço, de Maziúa na margem sul do rio Rovuma. O ataque foi comandado pelo alemão Weck que atravessou o rio à frente de uma forca de sipaios. Exigiam todo o dinheiro, comida armas e munições que ali houvesse. De seguida incendiaram o posto e as redondezas. Oito militares portugueses conseguiram escapar a tempo. O sargento Eduardo Rodrigues da Costa ofereceu resistência e pagou com a vida. Tinha sido um dos primeiros marinheiros a sair do seu quartel em Alcântara a 4 de outubro de 1910 com o obietivo de ajudar a implantação da República, que aconteceu no dia seguinte. No início da Grande Guerra, os políticos portugueses, guerristas e não guerristas, intervencionistas e

não intervencionistas, de uma maneira transversal a Republicanos e Monárquicos. (D. Manuel II. a partir do exílio. deu instruções aos seus correligionários para que, neste caso, seguissem as orientações governamentais) entenderam que as nossas possessões além-mar estavam em perigo. É para lá que partem 49.131 homens (18430 Angola, 30701 Moçambique e mais alquns milhares para as restantes colónias, quase tantos como os que, nos três anos seguintes, foram mobilizados para a Flandres, sem contactar com os cerca de 100.000 carregadores sem nome que asseguravam a retaquarda das nossas tropas e dos quais apenas se sabe que morreram muitos. Daqueles 49131 morreram 4849 só em Moçambique, mais do que no teatro de operações europeu. Grande parte morreu de fome, sede e falta de condições sanitárias. O sargento Eduardo Rodrigues da Costa merecia um destaque de relevo nesta guerra, ao nível do soldado Milhões, do piloto Óscar Monteiro Torres e até do Comandante Carvalho Araújo. Não tem sido assim, talvez porque ele estava numa guerra que Portugal quis esquecer.



Eduardo Rodrigues da Costa Foto publicada na Ilustração Portuguesa, n.º 462 (2.ªsérie), de 28Dez914, p. 806

Nome: EDUARDO RODRIGUES DA COSTA² Natural de: Viseu3 Posto e classe: 2.º Sargento Enfermeiro Nº de identificação: 6925 Unidade: Direção Geral das Colónias Teatro de Operações: Moçambique Causa da Morte. Morto pelos Alemães Data da Morte: 24 de agosto de 1914

¹ Com as comunicações cortadas, a Alemanha em novembro de 1917 ensaia, sem sucesso, o seu reabastecimento de material de guerra e medicamentos através do Zepplin L59 que chegou até Cartum, capital do atual Sudão, O I 59 fora concebido para ser canibalizado, e reutilizado noutros fins, pelas tropas alemãs, uma vez que não havia a possibilidade de ser reabastecido com gás hidrogénio em África, afim de fazer a viajem de regresso. Todavia, devido às suas dimensões, necessitava de local adequado para aterrar e, entretanto, o local previsto, para o efeito, tinha sido tomado pelas tropas inglesas. Voltou para trás sem cumprir a missão. O L59, cuja aventura africana foi romanceada, teve um fim triste uma vez que se despenhou no mediterrâneo em abril de 1918 numa outra missão. Não houve sobreviventes.

(Por coincidência O Clube do Sargento da Armada criar-se-á no mesmo dia e no mesmo mês 88 anos depois). Filiação João Rodrigues da Costa e Custódia da Luz. Foi possível encontrar uma sobrinha-neta do combatente da qual há o contacto para uma possível homenagem de qualquer entidade ou organismo que entenda vir a fazê-la. C

² Livro das Séries Índice nº14-nº de Arquivo2513-Séries 5ª-Números Matrícula 6501 a 7000- Folhas 425-Anos 1909 a 1910 Arquivo Histórico da Marinha

Nasceu a 22 de fevereiro de 1887 na Freguesia de São Cipriano Distrito de Viseu.

Aniceto do Rosário e António Fernandes

Primeiras baixas na Guerra do Ultramar (Índia)



o dia 22 de julho evocou-se o 67.º Vaniversário da morte heroica do Subchefe Aniceto do Rosário, da Polícia do Estado da Índia, ocorrido em 1954, Herói de Dadrá, e do cabo António Fernandes. A família de Aniceto do Rosário esteve representada pelos filhos, António do Rosário e Florinda do Rosário Santos e os seus netos Leila, João e Ana Cristina Santos, juntamente com o Padre Colimão e vários amigos. Na ausência do Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues, por motivos de trabalho, esteve presente pelo Museu do Combatente, Isabel Martins, diretora de Marketing, Comunicação, Relações Públicas e Logística, e pela PSP a Subcomissária Ana Sofia Silva Pereira. o Chefe Neves.

demia, fez-se a deposição de uma coroa de flores na lápide de que constam os nomes dos três primeiros militares caídos no Ultramar, ouviu-se o toque de Homenagem aos Mortos e o Padre Colimão fez uma oração e deu a bêncão aos presentes, finalizando a cerimónia com o Hino da Liga dos Combatentes. No final os filhos levaram a Soldado Desconhecido do Ultramar, dirigindo-se depois para o Museu do postos a fotografia do Subchefe Aniceto do Rosário com a condecoração Torre e Espada, e um quadro com do- Liga dos Combatentes autorizou este

cumentos na Polícia da Índia, oferecidos ao Museu pelos filhos, que comovidos agradeceram a homenagem.

Da história:

Dois dias antes da invasão dos enclaves, o governador de Damão foi impedido de se dirigir a Dadrá, pelas autoridades indianas.

Aniceto do Rosário, natural de Diu. que chefiava uma pequena força policial de sete elementos, enviou ao governador a seguinte mensagem: "Parta V. Ex.ª descansado que eu não deixarei ficar mal a bandeira portuguesa". Disse e cumpriu. Dois dias depois um bando de Sathyagraha (pretensos libertadores), à mistura com membros do Exército Indiano, entrou em Dadrá e exigiu a rendição da autoridade portuguesa. Aniceto do Rosário recusou e abriu fogo, acabando por morrer à facada e a tiro, juntamente com o guarda António Fernandes.

Este incidente foi a primeira ação violenta, por parte da União Indiana, que Comandante da Esquadra de Belém e culminou na invasão de Goa, Damão e Diu, em 18/12/1961, tendo sido um lon-Na cerimónia, singela devido à pan- go período de perseguições, prisões, mortes e torturas dos portugueses que aí viviam, e que começou logo após a independência da União Indiana, em 1947, tendo o Tribunal Internacional de Haia dado razão a Portugal bem como o Conselho de Segurança da ONU, e condenado a invasão de 1961, o que só não teve efeito pelo veto da U.R.S.S..

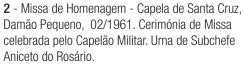
Aniceto do Rosário e o Cabo Fernancoroa que depositaram no túmulo do des foram os primeiros combatentes portugueses a cair nas últimas campanhas ultramarinas em que Portugal Combatente, onde se encontram ex- teve de combater (1954-1975), e serão recordados todos os anos no Museu do Combatente, já que o Presidente da

evento, que se realiza pelo terceiro ano consecutivo junto à lápide com o nome de Aniceto do Rosário.C

1 - A família de Aniceto do Rosário no Museu do Combatente, nas cerimónias do 67.º aniversário da sua morte, no passado dia 22 de julho.

Damão Pequeno, 02/1961. Cerimónia de Missa celebrada pelo Capelão Militar. Urna de Subchefe Aniceto do Rosário.

3 - Fotografia de Subchefe Aniceto do Rosário condecorado com o Grande-Colar e Medalha da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Damão Pequeno - 01/1955.







PROPOSTA DA LIGA DOS COMBATENTES DE ALTERAÇÃO À LEI N.º 46/2020. DE 20 de AGOSTO

Lei que aprova o "Estatuto do Antigo Combatente" a fim de proceder à alteração das Leis n.º 9/2002. de 11 de fevereiro e n.º 3/2009, de 13 de janeiro, enviada ao MDN e Presidente da Comissão de Defesa Nacional da Assembleia da República, em 28 de maio de 2021

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Passados 9 meses da publicação da Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, Lei que aprova o "Estatuto do Antigo Combatente" e procede à alteração ao Decreto-Lei n.º 503/99, de 20 de novembro, à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro e à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro. tem a Liga dos Combatentes vindo a receber vários contributos relativamente ao conteúdo da referida Lei, nomeadamente quanto à abrangência das suas medidas, que vêm gorar as expetativas de que, com esta Lei, se iria fazer a justiça há tanto esperada por aqueles que combateram ou defenderam os interesses de Portugal no estrangeiro e nos territórios do no antigo Ultramar. Com a referida Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, atinge-se o reconhecimento moral, mas não se contempla devidamente o reconhecimento material. Assim, considerando que:

1. A Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, que aprovou o "Estatuto do Antigo Combatente", não contemplou os ex-militares que prestaram servico em outros territórios ultramarinos sob administração portuguesa antes de 1975, designadamente os que prestaram serviço em Timor antes do 25 de abril de 1974 e os que prestaram servico em Cabo Verde, Macau e S. Tomé e Príncipe. Os militares dos contingentes oriundos de Portugal, a designada Metrópole, cumpriram iqualmente servico militar longe das suas terras e famílias e contribuíram igualmente para a defesa dos interesses da Pátria portuguesa.

PROPOSTA DE ALTERAÇÃO À LEI N.º 46/2020. DE 20 de AGOSTO

Lei que aprova o "Estatuto do Antigo Combatente" e procede à alteração às Leis n.º

9/2002, de 11 de fevereiro e n.º 3/2009, de 13 de janeiro O facto de não ter havido conflito nestes territórios, para tal também contribuiu a presença de tropas portuguesas nesses territórios, cumprindo assim o efeito de dissuasão. Por outro lado, o desempenho destas tropas era em muito similar a grande parte das missões humanitárias e de apoio à paz que hoje se praticam e que estão consideradas na Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto.

2. Os militares que participaram em ações de cooperação técnico-militar concretizadas em território estrangeiro não foram igualmente contemplados como "combatentes". Presume-se que a não inclusão destes militares tenha sido um lapso, uma vez que os estatutos que regem estas missões, constante do Decreto-Lei n.º 238/96, de 13 de dezembro, é semelhante ao estatuto dos militares das Forças Armadas envolvidos em missões humanitárias e de paz fora do território nacional, publicado pelo Decreto-Lei n.º 233/96 de 7 de dezembro. Inclusivamente, aos militares abrangidos pelos dois estatutos aplica-se a Portaria n.º 87/99, de 30 de dezembro de 1998, publicada em DR (2.a Série) de 28 de janeiro de 1999, que define os países de classe A, B e C com relevância para o acréscimo percentual de tempo de servico. É, aliás, nesse contexto, que a Liga dos Combatentes atribui a categoria de sócio

combatente aos "cidadãos que prestam ou tenham prestado serviço nas Forças Armadas Portuguesas e tenham participado em missões de (...) cooperação".

- 3. O artigo 11.o do Estatuto do Antigo Combatente não contempla explicitamente a Liga dos Combatentes na "rede nacional de apoio". A Liga dos Combatentes, que presta servicos de apoio médico, psicológico e social, através de um Centro de Estudos de Apoio Médico Psicológico e Social (CEAMPS) e de 11 Centros de Apoio Médico Psicológico e Social (CAMPS), com 60 técnicos e uma experiência com 12 anos no apoio médico psicológico e social de combatentes e uma média de 12.000 atos médicos e sociais por ano, é um ativo que deverá ser tido em consideração neste contexto, porquanto constitui-se como óraão de conselho e apoio especializado do Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar (CRSCM).
- 4. Muitos dos antigos combatentes sofrem, como resultado da sua intervenção ao serviço das Forças Armadas de Portugal em contexto de stress e privações, de doenças raras e crónicas. Por outro lado, com a passagem à situação de reforma, a maior parte desses cidadãos vêm reduzidos os seus meios de subsistência, dado os gastos com a saúde se agravarem com o avancar da idade. Verifica-se que a partir dos 65 anos de idade a situação se agrava, sobretudo pelo débil apoio médico e medicamentoso para os ex-combatentes com doenças raras e crónicas, de que a possibilidade de recorrerem ao HFAR, após essa idade, iria minimizar muitas dessas carências.
- 5. Grande parte dos antigos combatentes, pelo facto de auferirem parcas reformas, têm dificuldades no acesso à justica em condições idênticas aos restantes cidadãos. Uma forma de obviar essa dificuldade seria a de isentar estes cidadãos das taxas de justiça.
- 6. Muitos dos ex-combatentes vivem hoie com dificuldades socioeconómicas. Deverá ser preocupação do Estado proporcionar a estes cidadãos, que defenderam os interesses de Portugal arriscando a própria vida, o mínimo de dignidade social.

Tal situação implicaria atribuir aos antigos combatentes beneficiários dos vários regimes de segurança social, a que se refere o artigo 2.º da Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, que se encontrem na situação de reforma, que aufiram pensões inferiores ao ordenado mínimo nacional, o diferencial para atingir esse valor mínimo de dignidade. Esse valor poderá ser alcançado em 3 anos, atingindo 70% do valor no primeiro ano e incrementar em 15% o referencial nos anos subsequentes.

7. O critério de atribuição do Suplemento Especial de Pensão é desajustado da realidade dos teatros de operações, uma vez que, por exemplo, os antigos combatentes da Guiné, por ser o teatro de ambiente mais difícil, nunca cumpriam 24 meses. Por essa razão nunca atingem o valor máximo, apesar de terem combatido no teatro de maior perigosidade. Outros países europeus, que também enviaram combatentes para as suas ex-colónias, aplicam um sistema mais simplificado, como é o caso da França, que atri-

bui um suplemento para quem combateu mais de 3 meses em zona de periculosidade. Atribuir o Suplemento Especial de Pensão aos antigos combatentes que cumpriram mais de 6 meses em condições especiais de dificuldade ou perigo, é mais simples e iusto. Por outro lado, o montante atribuído é muito reduzido e não trata de forma digna aqueles que a Nação enviou para longe da Pátria a fim de defender os seus interesses. Um valor próximo de um salário mínimo anual será o mais adequado, como reconhecimento da Nação e ao alcance das reais possibilidades do país. 8. A atribuição do Acréscimo Vitalício de Pensão é igualmente complexa, se tivermos em consideração o princípio que lhe está subjacente, "uma prestação pecuniária de natureza indemnizatória atribuída aos antigos combatentes".

O valor do montante atribuído, tal como referido para o caso do Suplemento Especial de Pensão, não confere o reconhecimento 2devido àqueles que a Nação enviou para longe da Pátria a fim de defender os seus interesses. O critério para atribuição e o seu valor deverá, por uma questão de justica, ser idêntico ao adotado para o Suplemento Especial de Pensão. Face ao exposto, sugerem-se, através de Lei da Assembleia da República, as seguintes alterações à Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro e a Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro:

Lei n.º xxx/2021 de xx de xxxxxx

Sumário: Procede à alteração à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro. à segunda alteração à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, e à primeira alteração à Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, que aprova o Estatuto do Antigo Combatente. Procede à segunda alteração à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro, à segunda alteração à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, e à primeira alteração à Lei 46/2020, de 20 de agosto, que aprova o Estatuto do Antigo Combatente. A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º Obieto

A presente lei tem por objeto proceder à:

- 1- Segunda alteração à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro;
- 2- Segunda alteração à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro:
- 3- Primeira alteração à Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, que aprova o Estatuto do Antigo Combatente.

Artigo 2.º

Alteração à Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro

O artigo 6.º da Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro, passa a ter a seguinte redação:

«Artigo 6.°

Aos beneficiários do regime de solidariedade do sistema de segurança social que completaram mais de um ano de serviço militar é atribuído um complemento especial de pensão que permita atingir uma pensão total em valor igual ao ordenado mínimo nacional, nos termos do artigo 2.°»

Artigo 3.º

Alteração à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro

Os artigos 5.°. 7.°. 8.° e 10.° da Lei n.° 3/2009, de 13 de janeiro. passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 5.°

- 1- O complemento especial de pensão previsto no artigo 6.º da Lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro, atribuído aos pensionistas dos regimes do subsistema de solidariedade que completaram mais de um ano de servico militar, é atribuído uma prestação pecuniária cujo montante corresponde ao diferencial para atingir o valor do ordenado mínimo nacional em vigor.
- O pagamento do diferencial referido no número anterior é feito de forma desfasada no tempo, que permita que a pensão total atinja o valor do ordenado mínimo nacional em 3 anos, da sequinte forma:
- a) No primeiro ano, o diferencial terá um valor que permita atingir uma pensão total mensal de 70% do ordenado mínimo nacional em vigor:
- b) Nos anos seguintes, o valor total da pensão deverá sofrer um acréscimo de 15% anual face ao referencial do ordenado mínimo nacional, até que se atinja os 100% daquele valor.
- 3- O complemento especial de pensão é pago mensalmente, correspondendo a 14 mensalidades anuais.

Artigo 7.°

1- O acréscimo vitalício de pensão é atribuído aos antigos combatentes que detenham uma bonificação de tempo de serviço igual ou superior a 6 meses prestado em condições especiais de dificuldade ou perigo.

2- (revogado)

- 3- O valor mensal do acréscimo vitalício de pensão tem o seguinte valor, de acordo com a pensão auferida pelo antigo combatente:
 - a) Um montante corresponde ao diferencial necessário para a que a pensão atinja o valor do ordenado mínimo nacional em vigor, cujo pagamento será feito de forma desfasada no tempo, conforme referido no n.º 2 do artigo 5.º;
 - b) Quando o valor mensal da pensão for igual ou superior ao ordenado mínimo nacional em vigor, o acréscimo vitalício de pensão tem um valor de € 50, igual ao do suplemento especial de pensão.
- 4- O acréscimo vitalício de pensão é pago mensalmente, corres
 - a) A 14 mensalidades anuais quando o seu valor for nos termos da alínea a) do número anterior:
 - b) A 12 mensalidades anuais guando o seu valor for nos termos da alínea b) do número anterior.

Artigo 8.° [...]

- 1- [...] 2- [...]
- 3- [...]
- 4- O suplemento especial de pensão é atribuído mensalmente aos antigos combatentes que detenham uma bonificação de tempo de serviço igual ou superior a 6 meses prestado em condições especiais de dificuldade ou perigo e tem o seguinte valor, de acordo com a pensão auferida pelo antigo combatente:
 - a) Quando o valor da pensão for inferior ao ordenado mínimo nacional em vigor, o seu montante é igual ao referido na alínea a) do n.º 3 do artigo 7.º;
 - b) Quando o valor mensal da pensão for igual ou superior ao ordenado mínimo nacional em vigor, o suplemento especial de pensão tem um valor de €50.
- 5- O suplemento especial de pensão é pago mensalmente, correspondendo:
 - a) A 14 mensalidades anuais quando o seu valor for nos termos da alínea a) do número anterior;
 - b) A 12 mensalidades anuais guando o seu valor for nos termos da alínea b) do número anterior.

Artigo 10.°

Os benefícios previstos na presente lei são atualizados anualmente de acordo com os indicadores previstos no artigo 5.º da Lei n.º 53-B/2006, de 29 de dezembro, com efeitos a partir do dia 1 de

Artigo 4.º

Alteração à Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto

Os artigos 20, 11° e 12° do Estatuto do Antigo Combatente aprovado em anexo I à Lei n.º 3/2009, de 13 de janeiro, passam a ter a seguinte redação:

«Artigo 2.°

- 1- [...]
 - a) [...]
 - c) [...] *d*) [...]
 - e) Os ex-militares mobilizados, entre 1961 e 1975, para os territórios de Cabo Verde, Macau, S. Tomé e Príncipe e Timor;
 - f) Os militares dos quadros permanentes abrangidos por qualquer uma das situações previstas nas alíneas a) a c) e e);
- 2- São ainda considerados antigos combatentes os militares e exmilitares que tenham participado em missões humanitárias de apoio à paz ou à manutenção da ordem pública e os que participaram em ações de cooperação técnico-militar em teatros de operação classificados, nos termos da Portaria n.º 87/99, de 28 de janeiro, publicada no Diário da República, 2.ª série, n.º 23, de 28 de janeiro de 1999.

- 3- [...] 4- [...]
- 5- [...]

Artigo 11.°

- 3- Os servicos previstos nos números anteriores são prestados pelas instituições e serviços que compõem a rede nacional de apoio, designadamente pela Liga dos Combatentes e pelas organizações não governamentais protocoladas e financiadas

pelo Ministério da Defesa Nacional, bem como outras entidades

com quem seiam celebrados protocolos. 4- A Liga dos Combatentes, através do seu Centro de Estudos de Apoio Médico Psicológico e Social (CEAMPS) e Centros de Apoio Médico Psicológico e Social (CAMPS), a par de outras entidades protocoladas, prestam todos os contributos às investigações e trabalhos realizados pelo Centro de Recursos de Stress em Contexto Militar (CRSCM), prestando informação

Artigo 12.°

sempre que lhes seja solicitada, assegurando a confidencialida-

1- [...]

de dos dados facultados.

- 3 Os objetivos descritos no número anterior serão operacionalizados através de protocolos celebrados ou a celebrar com a Liga dos Combatentes, organizações não governamentais e com as instituições de ensino superior.
- 4- Aos militares referidos na alínea e) do artigo 2.º não são aplicáveis o artigo 6o do decreto-lei n.º 9/2002, de 11 de fevereiro e os artigos 5.°, 7.° e 8.° do decreto-lei n.° 3/2009, de 13 de janeiro.»

Artigo 4.º

Aditamento ao Estatuto do Antigo Combatente

São aditados ao Estatuto do Antigo Combatente, aprovado em anexo I à Lei n.º 46/2020, de 20 de agosto, os artigos 15° A e 16° A, com a seguinte redação:

«Artigo 15.° A Isenção das taxas de justiça

Os antigos combatentes e as viúvas ou viúvos dos antigos combatentes, detentores dos cartões referidos nos artigos 4.º e 7.º do presente Estatuto, estão isentos do pagamento das taxas de justiça para defender os interesses que lhe estão especialmente conferidos pelo presente estatuto ou nos termos de legislação que lhes seja aplicável.

Artigo 16.° A Apoio médico e medicamentoso

tão referido no artigo 4.º do presente Estatuto, são-lhes concedidos:

Aos antigos combatentes, com mais de 65 anos, detentores do car-

- a) Apoio médico gratuito nos hospitais do SNS e no Hospital das Forças Armadas (HFAR);
- b) Apoio medicamentoso gratuito em doenças raras e crónicas»

O que se diz e do que se não fala...



A. Gonçalves Ribeiro

Tenente-General

ecentemente, após a caótica debandada do aeroporto de Cabul por parte dos EUA e doutros países. concluída a 31 de agosto de 2021, a locutora de uma das nossas estações da TV qualificou-a da maior ponte aérea de evacuação de civis da História. Houve quem reagisse a tal observação, fazendo-me chegar alguns comentários acerca de outra ponte aérea desde Angola, 1,200,000 Km2, em guerra civil até Portugal no auge do Processo Revolucionário em Curso (PREC). Deume para redigir este brevíssimo apontamento, pondo em destaque a Ponte Marítima, complemento inseparável da Ponte Aérea.

PONTE AÉREA - Em 905 voos. com partidas de Luanda e Nova Lisboa/ Huambo, saíram de Angola, entre 11 de agosto e 3 de novembro de 1975, 173.982 pessoas, um número aquém da realidade pois a contagem era feita por voluntários que embarcavam sem serem logo substituídos. Ninguém ficou para trás.

De pequenas comunidades dispersas pela vastidão do território, 6.705 homens, mulheres e crianças foram recolhidos e transportados até aos terminais aéreos e portuários, a maior parte em aviões de transporte tático da Força Aérea Portuguesa e em navios da nossa Armada. Antes de tentarem chegar ao avião, milhares e milhares de pessoas na ânsia de embarcar alguns dos seus haveres, incluindo viaturas, convergiram para os portos de Lobito e Moçâmedes. Houve que possibilitar

to de Luanda. Para o efeito, entre 29 de agosto e 4 de novembro de 1975, 17 navios de cabotagem, incluindo o «S. Gabriel», navio petroleiro da Armada, fizeram 39 viagens transportando 47.753 homens, mulheres e crianças do Lobito e Moçâmedes até Luanda.

PONTE MARÍTIMA - Dos portos de Luanda, Lobito e Mocâmedes, entre 13 de julho e 9 de novembro. 20 navios de carga e 8 navios porta-viaturas transportaram para Lisboa 260,600 m3 de carga e 16.527 viaturas.

OPERAÇÃO REGRESSO - O Acordo briel» manteve-se nas águas do pordo Alvor definiu as bases gerais do to e, em terra, a força de Fuzileiros, o regresso a Portugal dos militares dos três ramos das Forças Armadas. O de paraquedistas viriam a embarcar plano «Operação Regresso» precisou nos paquetes «Niassa» e «Uíge».

a estes últimos a chegada ao aeropor- o COMO e QUANDO desde a contracão do dispositivo territorial em Angola que, nos últimos dias, ficou circunscrito a Luanda, até ao transporte aéreo dos militares e do embarque em navios carqueiros do material de guerra previamente selecionado.

> Entre março e outubro de 1975, cerca de 35.000 militares embarcaram com destino a Lisboa nos 2 aviões Boeing 707 operados pela Forca Aérea Portuguesa.

> Até ao dia 10 de novembro, véspera da independência, uma forca naval constituída por duas fragatas, uma corveta e o navio petroleiro «S. Ga-Agrupamento Blindado e um Batalhão



Ponte aérea: Luanda, julho de 1975.



A Importância da "consciência cultural" em operações militares



António José Rodrigues

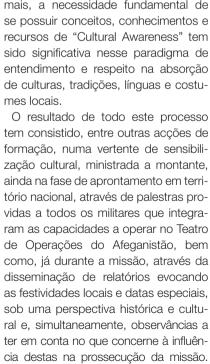
"O mundo é um imenso livro do qual aqueles que nunca saem de casa leem apenas uma página." (Agostinho de Hipona).

/wareness significa a qualidade do que está ciente, advertido e atento com o que se passa à sua volta. É uma expressão em inglês, derivada de "aware", que significa ter conhecimento ou percepção de algo e que pode ser utilizada tanto para adiectivar uma pessoa, como para se referir a uma determinada sociedade ou cultura, indicando o quanto essas pessoas, ou esse grupo, têm co-

nhecimento sobre determinados assuntos ou fenómenos. Está presente desde os povos primitivos nos seus costumes. sistemas, leis, religião, nas suas artes. ciências, crenças, mitos, valores morais e tudo aquilo que compromete o sentir, o pensar e o agir das pessoas. Refirase que cultura terá uma íntima ligação com o ser humano, as suas accões e as suas reacções, bias, percepções, crencas, emoções e modelos coanitivos. portanto, extremamente ligada ao universo militar, uma profissão do campo social por excelência. Assim. "cultural awareness" poder-se-á traduzir como "consciência cultural". Trata-se de um conhecimento genérico de uma cultura ou sociedade específica, não significando um nível de conhecimento elevado ou vivência. Aborda aspectos tangíveis, como, por exemplo, o idioma, o modo de trajar, a gastronomia, as actividades desportivas ou de lazer e a arquitectura; e intangíveis, como a tolerância às mudanças, a noção de tempo e de espaço, as crenças, os costumes, o sentimento de justiça e a semântica das palavras. Num teatro de operações, seja em ambiente de guerra ou em missão de paz,

encaradas como fenómenos sociais. supõe-se que exércitos de diferentes países irão interagir, pelo que é perfeitamente natural que existam diferencas culturais, pelo que os comandantes deverão encontrar formas de as mitigar visando o cabal cumprimento da missão. "Ir até à China em busca do conhecimento" é um aforismo sufi, que bem justifica o carácter extremo desta tradição também. E é neste vastíssimo propugnáculo de realidades humanas que, também graças a esta nossa tão natural idiossincrasia, afabilidade e saber estar com as demais culturas do mundo, animados pelo deseio de aperfeiçoar aspectos fundamentais para melhor chegar ao âmago das gentes locais e incrementar a própria conduta de interacção diária, que o esforço dos sucessivos contingentes nacionais nas missões no exterior de território nacional foi sempre orientado. Cada vez mais, a necessidade fundamental de mes locais.

ram as capacidades a operar no Teatro como, já durante a missão, através da sob uma perspectiva histórica e cultuter em conta no que concerne à influên-O termo "cultural awareness", voltado para as operações militares, é ainda um





conceito recente em grande parte dos países. Alguns poderão alegar que essa abordagem já era feita empiricamente, o que é verdade, mas que não significa, necessariamente, eficácia. Depende, sobretudo, do grau de preparação profissional e cultural que é, obviamente, diferente de indivíduo para indivíduo, consoante o seu "background". Institucionalizar esta temática, normatizando-a, poderá ser um caminho prudentemente a investir, ainda mais quando se trata de uma questão tão pertinente e sensível.

A "cultural awareness" não deverá ser vista como uma moda ou tendência, mas antes uma necessidade cada vez maior para os exércitos, mormente para países como Portugal, pela sua presença em várias partes do globo por sões sob a égide da NATO, da ONU e da União Europeia. Como legou Marcel Proust para a posteridade, "a autêntica viagem de descoberta não se faz buscando novas terras mas buscando com novos olhos". E é na convergência dessa trilogia de encontros - Mundos, Culturas e Saberes – em aprendizagem, na experiência, na interacção cultural e na aprendizagem recíproca, que se aprende e se conhecem todas as histórias, se fazem nossas todas as línguas estrangeiras, se transpõe o que convencionalmente chamamos de fronteiras, pertencemos a todas as racas, e que, em suma, todas as regiões sentem a nossa presença e, nós, os seus pulsares.

intermédio de militares integrando mis-

Nesta perspectiva, em matéria de investimento na elucidação e conscien-

cialização cultural aos contingentes destacados, cada passo que se tem dado na esfera da instrução com aplicação efectiva e resultados comprovados no terreno, erguerá sempre novas e mais consistentes pontes. Físicas e metafísicas. Pontes de entendimento e de passagem segura pelas caminhadas da civilização, com reflexos e influência, por vezes decisiva, em algumas dessas etapas, e que constituirá sempre uma medida estratégica de incalculável alcance. E Portugal, nas suas diversas missões, designadamente na Bósnia, em Timor-Leste, no Kosovo, no Líbano, na Somália, no Mali, no Iraque, no Afeganistão e na República Centro-Africana tem sabido cumprir bem o seu Destino e também aí deixar um legado inexorável que orgulha a nossa presença.

Caldas das Taipas

Memorial aos Combatentes

Realizou-se nas Caldas das Taipas, concelho de Guimarães, no passado dia 10 de abril, a inauguração de memorial em homenagem aos antigos combatentes, num jardim sito na confluência entre a rua Padre Silva Goncalves e a rua 25 de Abril. Este memorial nasce com iniciativa de um grupo de antigos combatentes de Caldas das Taipas, nomeadamente Luís Miguel Rodrigues, José Oliveira e Cirílio Silva.

A cerimónia contou com a presenca da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes. Dr.ª Catarina Sarmento e Castro, do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães. Dr. Domingos Braganca, do Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues e do Presidente da Junta de Freguesia de Caldelas, Dr. Luís Soares. Após a inauguração, procedeu-se à bênção do memorial, pelo Reverendíssimo Padre José Agostinho da Costa Ribeiro. As honras militares foram prestadas por

uma secção do Regimento de Cavalaria N.º 6, em Homenagem aos Combatentes mortos em combate com a deposição de uma coroa de flores iunto do Monumento. Em ambiente de respeito e de recolhimento, o Reverendíssimo Padre José Ribeiro proferiu uma prece, na qual manifestou um profundo reconhecimento aos combatentes que devem ser recordados com orgulho e saudade, depois de um pequeno período de profundo silêncio, o Toque de Alvorada e finalmente a apresentação do Hino da Liga dos Combatentes. O Núcleo de Braga da LC fez-se representar pelo seu Presidente, Cor António Manuel Estudante Mendes de Oliveira e pelo Vogal efetivo, SMor Domingos

Fernando de Barros que foi também o porta quião. Seguidamente as entidades e convidados deslocaram-se para o Salão Nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Caldas das Taipas, onde foram proferidas alocuções pelas entidades presentes e por Luís Miguel Rodrigues.

A edilidade agradeceu a nossa presenca, bem como toda a colaboração prestada para que as cerimónias tivessem decorrido com a satisfação da comunidade local, sentimento manifestado das mais diversas formas e que contribuiu para o reconhecimento aos antigos combatentes, o que nos incentiva a continuar a trabalhar cada vez mais em prol dos mesmos. C



Memorial aos Combatentes

o dia 01 de maio de 2021, a direvão do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, representada pelo seu Presidente. TCor João Paulino. Vice-presidente, Maj Jorge Carvalho e pelo Secretário, SMor João Ribeiro, estiveram presentes na cerimónia de homenagem aos Combatentes do Ultramar a convite do Presidente de Junta da União Freguesias de S. Martinho de Árvore e Lamarosa, Manuel Veloso, que contou também com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. Manuel Machado,

Uma cerimónia simples, com familiares e antigos combatentes, onde foi descerrado um Memorial aos Combatentes da Guerra do Ultramar e aos bique-1972).



militares que faleceram nesta guerra: David Veloso Matias (Angola-1965). José Bolito Matias (Angola-1965), José da Costa Cavaleiro (Moçambique-1965) e Orlando José Rodrigues Maia (Moçam-

O Presidente de Junta da União Frequesias de S. Martinho de Árvore e Lamarosa, agradeceu a colaboração do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes com uma Placa de Homenagem.C





Valongo

Monumento aos Combatentes do Ultramar

om iniciativa da Junta de Fregue-✓ sia de Valongo e apoio da Câmara Municipal foi inaugurado no passado dia 15 de maio de 2021, na Rotunda 1.º de Maio, em Valongo, o Monumento aos Combatentes do Ultramar, da autoria do Arquiteto Carlos Fazenda.

Estiveram presentes nesta cerimónia de inauguração o ministro de Defesa Nacional, João Gomes Cravinho, a Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Catarina Sarmento e Castro, o Presidente da Câmara Municipal de Valongo. José Manuel Ribeiro, o Presidente da Junta de Freguesia de Valongo, Ivo Vale Neves. o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues, membros da Liga dos Combatentes, antigos combatentes, entidades civis e militares. No monumento, em forma de prisma triangular, estão gravados os nomes dos 26 militares naturais do concelho de Valongo que perderam a vida na guerra do ultramar.

No uso da palavra, o presidente da Junta de Freguesia. Ivo Neves, afirmou que desde o início das suas funções um dos desejos era o de erigir um monumento aos combatentes do concelho de Valongo. Ivo Neves afirmou que o seu executivo vai aprovar uma medida que isenta os antigos combatentes em 50% nas taxas a cargo da Junta de Frequesia.

CM de Valongo, disse que: "Esta é uma bela iniciativa da Junta de Freguesia de Valongo, que conta com o apoio da autarquia. Além dos combatentes não nos podemos esquecer das mulheres, das namoradas, das filhas dos ex-combatentes, mas hoie, o momento é uma homenagem aos ex-combatentes que não tiveram alternativa e foram chamados a defender o território e nós só somos país porque temos território, temos língua, um sentido comum. Foram cumprir uma missão e ao longo destes anos fomos sabendo homenagear, distinguir e reconhecer. Só somos e estamos bem connosco quando sabemos distinguir, quando não estamos disponíveis para apagar a memória e não devemos apagá-la mesmo que essa memória seja incómoda".

O Ministro da Defesa, João Gomes Cravinho, afirmou que: "Estamos perante homens que arriscaram a sua própria vida por terem recebido ordens e por não terem escolha. O nosso dever de memória é maior quando estamos perante combatentes que perderam a vida ou regressaram feridos, estropiados. Temos o dever de honrar o serviço de todos os ex-combatentes e aos caídos em combate. Este dever

sobrepõe-se e torna irrelevante o juízo que cada um faz sobre a querra. Com o passar dos anos avoluma-se o sentimento desta ser uma guerra inglória José Manuel Ribeiro, presidente da e desnecessária, mas não estamos reunidos num colóquio de historiadores para refletir sobre o significado histórico dos anos de guerra durante a ditadura. O nosso propósito é o de homenagear os homens simples".

> O Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues, presidente da Liga dos Combatentes, louvou a iniciativa da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal de Valongo, enalteceu o Estatuto do Antigo Combatente que entrou em vigor no dia 1 de setembro de 2020, e que aumentou "o valor dos complementos especiais de pensão aí referidos de 3,5% para 7% do valor da pensão".

> "Quer a Liga dos combatentes quer as Associações dos combatentes têm lutado para que os governos apoiem os que mais necessitam, na saúde e noutros domínios. Passados 47 anos. com o ministro João Gomes Cravinho é possível aos combatentes verem aprovado na Assembleia da República a publicação de um estatuto que pela primeira vez reconhece o sacrifício de 13 anos de guerra daqueles que se bateram por determinação do poder político, então, considerado constitucional. E temos um estatuto que reconhece o sacrifício, do sofrimento das famílias e

Monumento de Homenagem aos Combatentes e Famílias da Freguesia de S. Bento, Porto de Mós

Telmo Manuel da Conceição Maior. Sócio da LC 151.340

uando o Presidente da Junta de Freguesia de São Bento, Tiago Manuel da Costa Rei, solicitou a minha colaboração para conceber um monumento de homenagem aos Combatentes e suas Famílias da freguesia, questionei-me sobre o que iria idealizar para que o padrão a concretizar se constituísse em referência para os Combatentes, suas Famílias e população em geral. Como combatente que sou, entendo que um Monumento de homenagem aos Combatentes deve integrar elementos fundamentais que induzam a interpretar os sentimentos vividos por um Soldado no campo de batalha.

Esses elementos devem ser visíveis, explícitos e fáceis de interpretar, devendo o Monumento possuir relação arquitetónica harmoniosa com o espaço onde irá ser construído e transmitir uma mensagem de fácil leitura a quem o observa, Idealizei, com a colaboração da Junta de Freguesia e de muitos Sãobentonenses que contribuíram com o seu trabalho para erguer o que havia imaginado, um monumento que nasceu, foi implantado no Largo Luís de Camões. junto à Sede da Junta da Freguesia e por dois escuteiros Sãobentonenses e inaugurado em 30 de maio, em Homenagem aos 91 Filhos de São Bento que combateram na Grande Guerra, em Mocambique e Franca: bem como na Guerra do Ultramar, em Angola, Moçambique, Guiné. Cabo Verde. Timor e Macau.

A cerimónia teve início com a apresentação da força militar ao Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues e ao Comandante do Regimento de Artilharia 4, Cor Marques Avelar. Seguiu-se o momento de efetuar a chamada dos 91 Sãobentonenses, uns presencialmente, outros no nosso espírito, proferindo-se o seu nome em voz alta e entoando os assistentes de viva voz o grito de PRESENTE. De seguida decorreu a bênção do monumen-



to, composto por cinco socos de pedra encimados por um globo esculpido que representa o Mundo por onde andámos, cerimonial de que se encarregou o Padre Luís Ferreira pároco da freguesia, ato a que se seguiu o descerramento da placa inaugural colocada no obelisco central, momento a cargo dos presidentes da LC, da JF e da CM de Porto de Mós, continuado pela deposição de uma coroa de flores transportada pousada pelo Presidente da LC e pelo Presidente da JF, Tiago Rei.

Seguiu-se o momento de homenagem aos militares e Combatentes que tombaram ao serviço da Pátria e aos que caíram no cumprimento de Missões de Operações de Apoio à Paz e Humanitárias, constituindo um momento elevado e de profundo sentimento de gratidão tributado àqueles que Serviram e Servem a Pátria. Seguiram-se os discursos do Presidente da LC, do Presidente da JF e do Presidente da CM de Porto de Mós, discursos que alaudaram o Combatente, as suas famílias e por diferentes formas exaltaram a dádiva de uns e outros, na partilha do sofrimento de quem parte e de quem os fica esperando,

e recordando as vivências experienciadas pelos Combatentes, vivos ou perecidos daguela Freguesia. Foi um momento profundamente sentido e que envolveu em silêncio e meditação algumas centenas de Sãobentonenses. Combatentes e famílias que participaram na cerimónia.

A celebração da Missa alusiva ao momento vivido decorreu na Igreja de São Bento, tendo nela participado muitos fiéis locais e autoridades Militares e Civis presentes na cerimónia. São Bento figura agora no mapa que contém a panóplia de Monumentos a Combatentes por Portugal

Citando o poeta Fernando Pessoa "Deus quer, o homem sonha e a obra nasce...", realizei um sonho pessoal e estou convicto que integrei uma verdadeira equipa, que gerou um Monumento que se constitui em orgulho da Freguesia e de Portugal. Muitas foram as ajudas que recebi e que aqui anonimamente agradeço.

Os Homens quando grandes e impulsionadores de um sonho são quardados no coração e nem eles querem que se saiba o seu nome, mas apelido-os de obreiros de uma obra sonhada e desse sonho nascida.

Monumento aos Combatentes do Concelho de Constância por Portugal

lo passado dia 10 de junho, dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, foi inaugurado em Constância, no Largo Cabral Moncada. o Monumento aos Combatentes do Concelho de Constância por Portugal. A inauguração do monumento foi integrada nas comemorações oficiais do concelho de Constância e foi precedida da inauguração da nova sede do Núcleo de Santa Margarida, numa cerimónia restrita, devido à situação epidemiolóaica aue vivemos.

A cerimónia de inauguração do Monumento foi presidida pelo Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues e contou com a presença do Vice-Presidente da CM de Constância, Jorge Manuel Louro Pereira: Vice-Presidente da Liga dos Combatentes, MGen Fernando Aguda; Comandante da Brigada Mecanizada. BGen Valente Marques; Presidente do Núcleo de Santa Margarida da Liga do Combatentes. Cor António Falcão: Presidentes das Juntas de Freguesia, entre outras entidades civis, militares e religiosas, combatentes, seus familiares e população em geral.

O Monumento é uma obra da Câmara Municipal de Constância em colaboracão com o Núcleo de Santa Margarida. projetado e elaborado pelo artista Ricardo Crista da Poli Urban Arte, Utilizando a técnica do aco Corten, pretendeu-se criar em alto-relevo uma personagem. Esta técnica faz com que não seja um trabalho efémero dado que ficará sujeito às intempéries do clima. Uma linha que deixa a sua marca....

A cerimónia teve início com as honras militares à entidade que a presidiu, TGen Joaquim Chito Rodrigues, seguidas das alocuções alusivas ao ato pelo Presidente da LC e pelo vice-Presidente da CM de Constância.

De destacar as palavras proferidas pelo TGen Joaquim Chito Rodrigues, saudando as Autoridades e Entidades





presentes, civis e militares pela forma participativa, afirmando a solidariedade e consideração pelos Combatentes do Concelho de Constância por Portugal. Agradeceu ainda à CM de Constância a cedência do espaço para as instalações da sede do Núcleo de Santa Margarida da Liga dos Combatentes tendo finalizado o seu discurso com uma frase bem elucidativa para todos, "Honrar hoje agui os Combatentes do Concelho de Constância por Portugal é a razão de estarmos aqui".

De seguida procedeu-se ao descerramento do Monumento, momento esse que ficou marcado por um gesto simbólico e emotivo protagonizado pelo sr. Arnaldo Caxias representante dos ex-combatentes, ao beijar o monumento. Na continuidade da cerimónia. foi efetuada a bênção ao monumento pelo Capelão do Exército. Padre Paulo Marques, seguida da Homenagem aos Mortos em Combate, com a deposição de coroas de flores e imposição de condecorações a ex-Combatentes.

luai

Monumento em Homenagem aos Combatentes da Guerra do Ultramar - Concelho de Coruche

m 26 de junho de 2021, na Vila de Coruche, distrito de Santarém, realizou-se uma cerimónia de inauguração de um Memorial em honra, glória e homenagem aos Combatentes do concelho de Coruche. O anfitrião foi o Presidente do respetivo Município, Francisco Silvestre de Oliveira, autarca que contou com o apoio direto e permanente do Núcleo de Santarém da Liga dos Combatentes (LC), nomeadamente em toda a estrutura do Guião e sequência do cerimonial militar.

A cerimónia, teve lugar no Jardim 25 de Abril, fantástico espaço que foi recentemente requalificado, contíguo ao espelho de água do rio Sorraia. As entidades oficiais que estiveram presentes foram: Francisco Silvestre de Oliveira. Presidente da Câmara Municipal (CM) de Coruche, quem presidiu a referida cerimónia: Berta Alexandra Santos. Presidente da Assembleia Municipal de Coruche: Nuno José Azevedo. Presidente da União de Freguesias de Coruche. Faiarda e Erra e Sargento-Chefe Carlos Sá Pombo, Presidente do Núcleo de Santarém da LC, tendo-se também associado ao evento o Presidente do Núcleo de Vila Franca de Xira e respetivo Porta-Guião, para além de duas centenas de pessoas, grupo constituído por antigos Combatentes, seus familiares e amigos, que se dignaram deslocar ao local a fim de puderem assistir à tão Nobre Cerimónia da Inauguração do Memorial de Homenagem aos Combatentes do seu Concelho.

Evento que se iniciou com a prestação de Honras Militares, levadas a efeito por uma Força constituída por 10 Militares pertencentes ao Regimento de Artilharia N.º 5 de Vendas Novas, comandada pela 2.º Furriel Adriana Lopes.

Terminadas as Honras Militares, seguiu-se a bênção ao Memorial de Homenagem aos Combatentes. Momento de cariz religioso, ficando à responsabilida-

de do Reverendíssimo Padre Elias Serrano. No decurso da cerimónia fizeram uso da palavra, o Presidente do Núcleo de Santarém da LC. Sargento-Chefe Carlos Pombo e o Presidente da CM de Coruche, Francisco Oliveira, Carlos Pombo foi o primeiro a intervir, tendo enfatizado o facto dos muitos iovens terem regressado após terminadas as suas obrigações militares, com traumas em que muitos deles ainda hoie assim permanecem, merecendo estes a nossa especial atenção, nomeadamente os Deficientes das Forcas Armadas e aos que sofrem de Perturbação Stress Pós-Traumático de Guerra.

O Presidente do Núcleo de Santarém aproveitou o momento para "Evocar as Mulheres", que viram partir os seus entes queridos, maridos, noivos, irmãos, pais, netos e acima de tudo, os seus filhos. Realçando que elas, longe das várias Frentes de Batalha, desempenharam um papel essencial no moral dos que combatiam. Tendo sido assim elas, também, umas autênticas combatentes. Terminou com umas palavras dirigidas ao anfitrião do evento, dotado de enorme carga emocional: "Senhor Presidente do Município de Coruche, as minhas sinceras felicitações pela sua obra detentora de enorme nobreza e simbolismo, feita neste Concelho, em que V. Exa preside. Esperando que o seu exemplo frutifique, em muitas outras terras de Portugal, por forma a homenagearem também os seus próprios Filhos".

Intervenções que foram encerradas por Francisco Silvestre de Oliveira, Presidente do Município, tendo o mesmo salientado que estava a vivenciar um momento, já ambicionado por si há muito tempo e esta homenagem aos combatentes servia também como um marco na ajuda à passagem do testemunho aos jovens, nomeadamente os mais altos valores patrióticos e a devida gratidão ao esforço, espírito de sacrifí-

cio, coragem, abnegação e contributo que os filhos daquela terra tinham dado nas várias zonas de conflito em terras distantes, acabando alguns deles até por perder o seu bem mais precioso, a própria vida. Esta autarca terminou, afirmando: "Este monumento não apaga a dor dos Combatentes e das suas Famílias, mas é um permanente reavivar da memória de todos, para que tenhamos consciência da necessidade imperiosa de evitar a guerra". Salientando-se também ao elevado significado cívico, ético e patriótico que estes géneros de cerimónias apresentam. Ambas as dissertações foram complementares e revestidas do mesmo sentimento, isto é, na justa, sentida e profunda homenagem aos combatentes, neste caso, aos oriundos do concelho de Coruche.

A Cerimónia continuou, com a deposição de uma coroa de flores junto ao Memorial, seguida da homenagem aos 30 filhos desta terra tombados em combate. O Reverendíssimo Padre, efetuou uma prece, seguida de um pequeno período de profundo silêncio, em que o seu levantamento foi marcado pelo Toque de Alvorada.

Toda a cerimónia de inauguração de homenagem aos combatentes de Coruche, decorreu num ambiente dotado de muita dignidade e de enorme envolvência de sentimento, coesão e respeito, embutido nos mais altos valores pátrios a que os nossos combatentes e História e Portugal detém e merecem. Valores estes que todos nós temos por dever moral e cívico, preservá-los, por forma a nunca serem desvalorizados pelas atuais gerações e muito menos esquecidos nas vindouras.

Tendo-se aproveitado o momento do cerimonial para serem atribuídas Medalhas Comemorativas das Campanhas da Forças Armadas, distinguindo três Combatentes associados ao Núcleo de Santarém da Liga dos Combaten-



tes, por terem prestado serviço militar nas antigas Províncias Ultramarinas, durante a Guerra do Ultramar, conforme a baixo se mencionam: Vítor Manuel Páscoa Vieira (Guiné: 1966/1968); José Miguel Páscoa Vieira (Angola: 1974/ 1975), Medalha atribuída a título póstumo, entreque à viúva. Maria Rosa Teles

Vieira e Luís Manuel Lopes Alves (Angola: 1972/1974).

A cerimónia de inauguração ao memorial de homenagem aos combatentes da Guerra do Ultramar pertencentes ao concelho de Coruche, foi encerrada com a leitura de um poema, efetuada pelo senhor Joaquim Ernesto da Fonse-

ca; com o título: "Da Flor e Da Música". Poema de autoria do TGen Joaquim Chito Rodrigues, Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes. Homenageando os Combatentes, através o simbolismo das Coroas de Flores e o Toque de Clarim, adequado a este Momento Cerimonial.

Barrancos

Inauguração de memorial aos Combatentes

Aconvite do Presidente da Câmara Municipal de Barrancos, João Serranito Nunes, o Núcleo de Moura da Liga dos Combatentes, deslocou-se no passado dia 25 de Abril, à bonita vila raiana para estar presente na inauguração do memorial aos combatentes barranquenhos, que tombaram no campo da honra.

Foi realizada uma cerimónia emotiva, simples, mas com muito significado, onde estiveram presentes, as entidades da vila, os familiares dos combatentes homenageados, bem como os antigos combatentes que alinharam junto ao guião do Núcleo. Esteve também presente a Banda Filarmónica "Fim de Século". Após a execução da Portuguesa pela ban-



da de Barrancos, iniciou-se a cerimónia que constou, das intervenções do Presidente da Câmara e do Vice-Presidente do Núcleo, seguido de deposição de coroa de flores no memorial e Homenagem aos Mortos em Combate, cerimonial acompanhado com os respetivos toques de clarim.

Barrancos junta-se assim às demais cidades, vilas e aldeias com um local digno para recordar e homenagear os seus combatentes.

Caldas da Rainha

97.º Aniversário

Núcleo de Caldas da Rainha da Liga dos Combatentes celebrou, no dia 28 de julho, o 97º aniversário, com uma cerimónia na freguesia de Alvorninha. As comemorações iniciaram-se com a deposição de uma coroa de flores no monumento aos combatentes na localidade, inaugurado em 2013. Seguiu-se uma cerimónia de entrega de medalhas no pavilhão aimnodesportivo José Policarpo. Arclides Mateus (que serviu na Guiné entre 1966 e 68), António de Jesus Saramago (que serviu em Angola de 1967 a 69) e Joaquim Anacleto (que serviu na Guiné entre 1969 e 71) foram condecorados com a medalha comemorativa das campanhas, entregue a militares que tenham servido em situação de campanha com uma duração de, no mínimo, seis meses (exceto se a campanha durar menos que isso, ou por imposição de doença ou acidente).

Já Afonso Alves e Luciano Pereira foram condecorados com a medalha de honra ao mérito grau ouro da Liga dos Combatentes. A medalha de bons serviços grau ouro foi entregue a Fernando Jesus, Armando Afonso e Paulo Silva.

Estas medalhas reconhecem o mérito de pessoas individuais ou coletivas, nacionais ou estrangeiras, na função solidária e social para com os combatentes e na cidadania e defesa de Portugal, servindo também para distinguir os bons serviços prestados à Liga por ticiparam nesses conflitos, dos mortos sócios e funcionários.

Emanuel Sebastião, da direção do Núcleo de Caldas da Liga dos Combatentes, fez notar que os combatentes homenageados já o deveriam ter sido há quase 50 anos. "Vale mais tarde do que nunca e felizmente ainda puderam ques deixou o seu agradecimento aos ser homenageados em vida", disse. Agradeceu, ainda, aos camaradas da Liga pelo facto de terem conseguido ajudar a manter a organização viva. "As instituições vivem das pessoas",





honorário do Núcleo, era o presidente da instituição quando foi inaugurado o monumento em Alvorninha e esteve presente na cerimónia, tendo afirmado que não estavam ali "para celebrar a guerra e o conflito", mas sim para "respeitar a memória dos homens que pare dos vivos, das famílias enlutadas".

O presidente da Câmara das Caldas, Tinta Ferreira, agradeceu a escolha de Alvorninha para a realização desta comemoração, enquanto que o presidente da Junta de Alvorninha, José Henri-

O Coronel Faustino Hilário. Secretáriogeral da Liga dos Combatentes, chamou a atenção para as necessidades dos antigos combatentes e para a falta fez notar. Carlos Lopes, presidente de apoio que lhes é disponibilizado.

O dirigente salientou também que o estatuto do combatente tem de ser alterado e que a Liga tem trabalhado nesse sentido, especialmente procurando acautelar as necessidades materiais, algo que "inicialmente não foi tido em conta". O responsável disse ainda que não é aceitável que antigos combatentes sejam detidos porque lhes foi dado um cartão (o cartão do antigo combatente) que supostamente lhes permitia viaiar sem pagar nos transportes públicos, mas quando o tentaram este não estava funcional.

"Não foram feitos os protocolos necessários para salvaguardar as compensações", explicou Acresce que "o não pagamento das taxas moderadoras foi uma farsa linguística", por motivos semelhantes.

Isaque Vicente, in Gazeta das Caldas C

Coimbra

Inauguração de Monumento de homenagem aos Combatentes do Ultramar da Freguesia de Arazede

or iniciativa da Junta de Freguesia de Arazede (Montemor-o-Velho) e dos seus Combatentes e com o apoio do Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes, em 11 de setembro de 2021, teve lugar a inauguração de um Monumento de Homenagem aos Combatentes do Ultramar, da autoria do escultor António Nogueira.

As cerimónias iniciaram-se com a colocação das Bandeiras, com a Academia Musical Arazedense sob a direcão do Maestro Tiago Pereira a tocar o Hino Nacional. De seguida procedeuse à inauguração do Monumento pela entidade que presidiu à cerimónia, o Presidente da Câmara Municipal (CM) de Montemor-o-Velho. Dr. Emílio Torrão acompanhado pelo Presidente da Liga dos Combatentes. TGen Joaquim Chito Rodrigues, pelo Presidente da Junta de Freguesia de Arazede, Eusébio Campos e pelo Presidente do Núcleo de Coimbra

Inauguração do monumento aos comba da Liga dos Combatentes, TCor João 1968-70; Soldado Fernando da Silva (falecido), Angola, 1969-71 (recebeu a Após a bênção do Monumento pefilha): Soldado Joaquim Fernando, Moçambique, 1963-66 e Soldado José de

> Foram ainda entregues a todos os combatentes presentes medalhas comemorativas alusivas à inauguração do Monumento.

Oliveira, Angola, 1966-68.

As intervenções alusivas ao evento foram proferidas pelos Presidentes da Junta de Freguesia de Arazede, Liga dos Combatentes. Presidente da Assembleia da CM de Montemor-o-Velho e pelo Presidente da CM.



lo Reverendo Padre Carlos Cavalieri, pároco da Freguesia, seguiu-se a cerimónia com a colocação de coroas de flores, Homenagem aos Mortos caídos em Combate, uma prece efetuada pelo Padre Jorge Germano e o Toque de

De seguida foram agraciados com a Medalha Comemorativa das Campanhas, os seguintes antigos Combatentes: 2.º Sargento Licínio Oliveira, Mocambique, 1968-1970: 1.º Cabo António Lameiro, Angola, 1969-71; Soldado Alexandre Teixeira, Guiné, 1963-65; Soldado Filipe Cação Ribeiro, Angola

Após o encerramento da cerimónia decorreu um lanche convívio com os presentes.C

Seixal

Nova Sede do Núcleo

ealizou-se no dia 01 de setembro de 2021, na cidade da Amora, a cerimónia de celebração do protocolo de cooperação entre a Câmara Municipal do Seixal e a Liga dos Combatentes para a cedência de um espaco para a nova sede do Núcleo do Seixal.

O evento contou com a presença do Presidente da Câmara, Eng. Joaquim Santos, da Vereadora do Pelouro da Cultura, Participação, Habitação, Juventude e Desenvolvimento Social. Professora Manuela Calado, do Presidente da Junta de Freguesia de Amora, Manuel Araújo e ainda o Presidente do



Núcleo, TCor Carlos Monteiro e o Vogal Fernando Pólvora.

Este ato simbólico é o culminar de cerca de dois anos de conversações com a Câmara Municipal do Seixal e centrou-se na entrega das chaves do novo espaço à Direção do Núcleo. Re-

presenta também o inicio das ações de remodelação do espaço, com vista a proporcionar as condições necessárias ao normal funcionamento da nova sede do Núcleo, providenciando aos nossos associados um local condigno de atendimento e socialização.

Guarda

97.º Aniversário do Núcleo

m 11 de setembro de 2021, o Núcleo da Guarda comemorou o seu 97.º Aniversário. As comemorações tiveram início pelas 10h00 na sede do Núcleo, onde teve lugar a Cerimónia do Hastear da Bandeira Nacional e a Bandeira da Li- aos mortos, onde dois combatentes da ga dos Combatentes.

Seguiu-se a deposição de uma coroa de flores iunto ao monumento aos mortos da Grande Guerra, onde foram homenageados os combatentes da Grande Guerra do concelho da Guarda.

uma missa de sufrágio pelos combatentes do concelho da Guarda já falecidos, presidida por Sua Ex.ª Rev.ª Dom Manuel da Rocha Felício, Bispo da Guarda.

Junto ao Monumento aos Combatentes no Ultramar do Concelho da Guarda, foi realizada a cerimónia de homenagem

Guerra do Ultramar colocaram uma coroa de flores em homenagem aos seus camaradas, mortos ao serviço da Pátria.

Foi ainda realizada a cerimónia de impo-

sição de uma condecoração a um combatente que serviu Portugal na Guerra do Na Igreja da Misericórdia foi celebrada Ultramar. Estiveram presentes nas comemorações algumas autoridades e personalidades locais, nomeadamente o Presidente da Câmara Municipal da Guarda, Dr. Carlos Alberto Chaves Monteiro, o Ex-Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Artur Neves Pina Monteiro, o Presidente da Assembleia

da Freguesia da Guarda, António Manuel Peres de Almeida, o Comandante do Comando Territorial da GNR da Guarda. Coronel José Luís Cunha Rasteiro. Sua Ex.ª Rev.ª Dom Manuel da rocha Felício, Bispo da Guarda, combatentes, associados e amigos do Núcleo da Guarda.

Bem-Haja a todos aqueles que se associaram às comemorações do aniversário do Núcleo da Guarda da Liga dos Combatentes e prestaram a justa e merecida homenagem aos Combatentes da Guarda e de PORTUGAL.

«UM HOMEM SÓ MORRE QUANDO DEIXAR DE SER LEMBRADO».C



Il Aniversário do Monumento de homenagem aos Combatentes

↑ Direção do Núcleo de Turlock quis Aassinalar a passagem do 2.º aniversário da inauguração do seu Monumento de Homenagem aos Combatentes por Portugal, erigido no jardim da Igreja da N.ª Sr.ª da Assunção.

O programa para o evento contemplou a Celebração da Santa Missa pelo Reverendo Padre Manuel de Sousa, seguida de um cortejo até ao Monumento, iunto dos mastros de solenidades, onde ocorreu o Içar das Bandeiras dos Estados Unidos da América e de Portugal durante o qual foram entoados, a solo, os Hinos Nacionais.

Retomada a marcha, os presentes foram posicionar-se nos locais que lhes estavam destinados, para participarem na Cerimónia de Homenagem aos Combatentes por Portugal, lembrando Alvorada.



muito especialmente todos aqueles que perderam a vida no então Ultramar

Durante a Cerimónia e, após a deposição de uma coroa de flores, foram escutados o Toque de Homenagem aos Mortos, uma oração apropriada ao ato a cargo do Padre Manuel de Sousa, o Toque de Silêncio e o Toque de

Seguiram-se alocuções alusivas ao momento a cargo do Presidente e do Secretário do Núcleo de Turlock (Califórnia-EUA).

Presente toda a direção do Núcleo, o Representante do Governo Regional dos Açores, bem assim como, uma digna representação da Comunidade Portuguesa e luso-descende residente na região.

Vila F. de Xira

92.º Aniversário do Núcleo

Núcleo de Vila Franca de Xira da Liga dos Combatentes, comemorou o seu 92.º aniversário no dia 04 de setembro de 2021, tendo realizado no dia sequinte, uma cerimónia de Evocação aos Combatentes do Concelho, que Tombaram em Defesa da Pátria, depondo duas coroas de flores junto do Monumento aos Combatentes do Concelho de Vila França de Xira, uma coroa pela Liga dos Combatentes (LC) e outra pela Câmara Municipal (CM) de Vila Franca de Xira, contando para isso com o apoio do Exército Português, que cedeu uma Força de escalão secção, pertencente ao Regimento de Transportes e um clarim, cedido pela Fanfarra do Exército.

Presidiu ao ato o Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodriques, sendo de realcar as presencas do Presidente da CM de Vila Franca de Xira. Alberto Mesquita e do Vice-Presidente, António Oliveira, da Vereadora da Cultura, Habitação e Coesão Social, Dr.ª Manuela Ralha, do Presidente da Junta

associados com 30 anos - Guilherme Simões; 35 anos - Adriano Almeida; 40 anos - Mário Santos e 45 anos - José Rodrigues.

com a Medalha Comemorativa das Campanhas das Forcas Armadas, de dois Combatentes, que prestaram serviço na Província Ultramarina da Guiné, no período de 1963/1965 e 1965/1967, respetivamente, António Narciso e José Silva, sendo um momento de emoção para os

Procedeu-se depois à condecoração

Combatente e ex-Presidente do Núcleo de Vila Franca de Xira de 1992 a 2009, Capitão Técnico Manutenção Material Aéreo, Júlio Margues Serra, tendo recebido o referido louvor e condecoração, sua neta. Ana Norte

Seguiram-se depois as intervenções



pelo Presidente da CM de Vila Franca de Xira e pelo Presidente da LC, tendo as cerimónias terminado com o Hino da Liga dos Combatentes.



7.º Aniversário do Núcleo

omemorou-se no passado dia 11 ✓de setembro, o 7.º Aniversário do Núcleo de Gouveia da Liga dos Combatentes. A cerimónia teve lugar junto ao Monumento de Homenagem aos Combatentes, situado no Jardim Lopes da Costa, nesta cidade.

Estiveram presentes o Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues, Presidente da Liga dos Combatentes, que presidiu à cerimónia, bem como o Major-General Fernando Aguda, Vice-presidente da Liga; Presidente da Assembleia Municipal de Gouveia, Dr. Gil Barreiros: Presidente do Município. Dr. Luís Tadeu e Vice-presidente, Dr.



Jorge Ferreira: Presidente da Junta de Freguesia de Gouveia, João Amaro; Sargento-Ajudante Francisco Manuel Abrantes de Almeida Pinto Rodrigues, em representação do Comandante de

Destacamento do Posto da Guarda Nacional Republicana de Gouveia, Carlos Manuel dos Santos Abrantes. Chefe da Esquadra da PSP de Gouveia, Sócios, familiares e amigos.

A Identidade Nacional e a Identidade de Combatente

DENTIDADE é um tema ao mesmo tempo aliciante e complexo. Vários são os caminhos possíveis. Ao conceito matemático, do direito ou da Identidade das Coisas, damos prioridade ao conceito de Identidade que englobe a atividade racional e do espírito. A Identidade Individual, a Identidade Institucional ou a Identidade Nacional.

É um facto que fatores aglutinadores podem, a partir de uma diversificada e plural identidade individual, criar Identidades Institucionais, e mesmo dar origem a uma Identidade Nacional. Esta uma vez atingida dará origem naturalmente à independência de um povo. No nosso caso de Portugal.

A Identidade Individual caracteriza o Homem como pessoa, como personalidade inteligente e livre. Os atributos que nessa natureza humana se encontram, e só nela, distinguindo-a de todas as outras criacões, são a consciência. a razão e a liberdade. Pela consciência o Homem toma conhecimento do mundo sensível. Pela razão, compreende a vida e compreende-se a si mesmo. Pela liberdade, o Homem tem o poder de se modificar e aperfeiçoar, isto é, influenciar e ser influenciado pelo meio. sentindo assim diversamente os efeitos produzidos por uma mesma causa. E se o caráter individual é aperfeicoável. também a nossa maneira de ser coletiva e de estar no mundo o será.

O Caracter ou Identidade Nacional será a resultante das idiossincrasias individuais, ou seja, a forma de reagir coletiva, a "psicologia do povo", o conjunto de traços dominantes da população "homogénea" designada por portugueses.

Mas quando se trata de identificar a



"personalidade base" do povo português, a dificuldade surge, mas as opiniões de certo modo convergem.

Nesta forma da unidade na diversidade dos portugueses importa referir que nem sempre as nações se apresentam como conjunto etno-psicologicamente homogéneo e daí, o falar-se de Caracter Nacional e Caracteres Regionais. Se é verdade que a civilização portuguesa depende das civilizações ibéricas, greco-latina, ocidental-europeia, europeia e universal, não é menos verdade que ainda os caracteres regionais nos permitem distinguir o português do Norte do português do Sul, o açoriano do madeirense.

Diremos nós que quando os fatores de coesão são suficientemente fortes que levam algumas identidades individuais desse povo, a jurarem perante a Bandeira Nacional que "darão a vida se necessário for em defesa da Pátria", dá-se origem a uma Identidade Institucional conhecida por Forças Armadas, com as suas diferentes componentes e que surge a partir de uma Identidade Individual denominada: Soldado.

Se a estes soldados for dada a oportunidade política última de terem que se bater de armas na mão, na defesa dos interesses e valores superiores do país, o Soldado assume uma outra identidade, a que o povo, de que é originário, ficará reconhecido para sempre: a Identidade de Combatente. E a Identidade de Combatente é ainda mais forte do que Identidade de Soldado. Foram esses Combatentes que levaram Mouzinho de Albuquerque a afirmar que "Portugal é obra de Soldados". E se, como diz Eduardo Louren-

co, "Portugal é a única coisa que une os portugueses" foram e são os seus soldados, o seu verdadeiro cimento aglutinador e as últimas sentinelas. Foi assim em Ourique e Salado. Aljubarrota e Atoleiros. Restauração e Guerra Peninsular, Grande Guerra e Guerra do Ultramar, Foi assim quando Portugal deu "novos mundos ao mundo". Criou e perdeu Impérios. Ganhou e modificou a sua identidade ao longo dos séculos. De país "à beira mar plantado" a Império das Índias, a Império do Brasil, a Império Africano e finalmente no regresso às suas origens, às fronteiras de D. Diniz, mas que continuou sendo PORTUGAL. Agora com outra dimensão geográfica identitária, mas com idêntica dimensão humana, espalhada a nível global, num verdadeiro Império da Alma. Império da Alma Portuguesa que vive e respira no Canadá, na América do Norte e América do Sul, na Europa, em África, na Ásia e na Oceânia, constituindo uma rede de portugalidade e amor a Portugal sem limites.

Ao longo dos séculos muitos deles foram Combatentes, construtores do Portugal de então. A maior parte regressava. Como regressou a maior parte dos que no século XX se bateram na África e na Flandres, bem como os que se bateram nos meados do mesmo século, em Angola, Moçambique e Guiné. Em qualquer das circunstâncias, sem o reconhecimento merecido da retaguarda política pelo esforço, determinação e coragem despendidos. E é a especificidade identitária do Homem Combatente que acaba por reunir condições e saber, ao sentir a necessidade de criação de uma nova Identidade Institucional, capaz de promover os valores superiores do país por que se bateu e de garantir a prática da solidariedade e o apoio mútuo para com os stressados, gaseados, mutilados, doentes físicos, mentais e sociais regressados da Guerra.

Nasce assim a Liga dos Combatentes, a que tenho a Honra de presidir. Esta Identidade que há um século vem lutando pelo reconhecimento dos poderes públicos, arrancando do anonimato e abandono os que por sua

determinação serviram o país, em situação de conflito aberto. E se hoje se pressente o reconhecimento público e do Portugal profundo por esses homens, falta ainda muito esforco para que a prática da solidariedade para com aqueles a quem a vida não sorriu e necessitam de apoio à saúde e apoio social, sem esquecer os que sofrem de stress pós-traumático de guerra e os sem-abrigo, seia uma realidade efetiva. Importa garantir-lhes qualidade de vida que lhes permita viver com orgulho a Identidade de Combatente. Eles são parte dessa Identidade Nacional resultante das características muito próprias da Identidade Individual dos portugueses e portuguesas e daquilo que têm sido capazes de construir ao longo de séculos.

Hoje, o conceito de herói, como outros, caiu na rua, chegando deturpado a diferentes patamares da vida. Os que tiveram que fazer e sofrer a guerra sabem o que é defender a Identidade Nacional e onde se encontra o verdadeiro heroísmo.

E acreditamos que a Pátria tem idêntico conceito identitário. Pátria que segundo Miguel Torga é "um pedaço de terra defendido", vê ainda alargados os seus horizontes a esse verdadeiro Império da Alma que do Portugal geográfico de hoje se alarga às comunidades portuguesas que dos cinco continentes nos contemplam infundindo confiança e perenidade.

Numa época em que regressámos à Europa, depois de termos sido os primeiros a levá-la ao mundo e os últimos a regressar a ela, evoluímos na nossa Identidade, caldeados por centenas de anos de influência branca, amarela e negra e somos hoje um povo complexo, diversificado e por isso rico e único que deverá aproveitar as suas características positivas, precavendo as suas vulnerabilidades.

São estes valores, positivos e negativos, que acompanham os cidadãos portugueses por todo o mundo, que moldam o Sistema Cultural Português e caracterizam a Identidade Nacional. Deverão eles ser parte informadora do Sistema Educativo e deverão eles ser postos ao serviço do Interesse Nacional. Seja qual for o lugar em que os

Combatente

Dorido volta da guerra Um soldado à sua terra Traz um saco meio vazio Viu-se a vida por um fio

Lá nos confins donde veio Mas traz outro meio cheio Que ao de cimo há de vir O que ele é e há de sorrir

E entre emoções e afetos Contará estórias aos netos E as batalhas e outras lutas Serão ganhas e impolutas

Combates de combatente Obras são da nobre gente

Volta a casa um soldado E às guerras do passado Velhas são as novas frentes Os valores permanentes

> José de Almeida (Vogal da Direção Central)

portugueses os revelem. Só uma Identidade Nacional forte garantirá uma Portugalidade forte. E a Identidade de Combatente para isso tem contribuído ao longo da História.

Será que existe hoje uma crise ou ameaça à Identidade Nacional? Crise da Democracia? Da Soberania? Das Forças Armadas e da forma como é prestado o serviço militar? Dos valores predominantes? Existe uma crise de Identidade da União Europeia? As crises internacionais dão origem a conflitos armados e ameaçam a segurança internacional? A paz deixou de ser um intervalo entre guerras para termos em permanência Paz e Guerra? As respostas se afirmativas, merecem uma profunda reflexão nacional.

Joaquim Chito Rodrigues C

Desaparecidos em Combate



José Monteiro

ulacunda, mais não era que uma minúscula tabanca, perdida no meio da floresta e de bolanhas, no Sul da Guiné, constituída por um amontoado de rudimentares palhotas. Estávamos lá há dois meses. Tínhamos atacado algumas casas de mato, sofrido algumas emboscadas, ataques ao aquartelamento e dois feridos em combate. Pairava no ar uma nuvem de inquietação, de nervosismo, de ansiedade: nuvem que, com frequência, haveria de toldar o céu de cada um. oprimindo-lhe o peito e roendo-lhe o estômago, como rato que rói incessanparticiparmos numa operação de combate com esta envergadura suscitou preocupação e receio. Mas uma e outro redobraram quando soubemos que a Companhia que ia participar connosco nesta operação de combate tinha chegado à Guiné apenas há um mês.

Mal a noite caiu, reunimos na parada e fomos informados que numa região chamada Gamol-Ganjetrá, "tinha sido referenciada forte concentração de guerrilheiros". O objectivo era atacá-los mamento e destruir a casa de mato.

Da Companhia sediada em Fulacunda, participavam nesta operação de combate apenas dois pelotões. O meu pelotão seguiu na frente da coluna, sequido da Companhia de "periquitos" vindos de Bolama e, a fechar a coluna, seguia o terceiro pelotão também da minha Companhia, Penosamente, os

tensão que provocava náuseas, fomos avançando pelo interior da mata e pelo interior da noite. Luxuriante e densa. a arborização daquela zona equatorial tornava muito difícil e penoso o avanco em direcção ao objectivo. Todavia. prosseguíamos. A operação "Lenda" estava em marcha.

A manhã do dia 7 de outubro de 1965 nasceu igual a tantas outras e aos primeiros indícios de claridade, o capitão da Companhia vinda de Bolama que, por ser o oficial mais graduado comandava a operação, dividiu o pessoal das duas companhias em três colunas, colocando à frente de cada uma delas uma secção do meu pelotão. Ordenadas as tropas, retomamos a marcha. mas fomos imediatamente submetidos a forte tiroteio dos guerrilheiros.

Por entre o constante matraquear das diversas armas distinguia-se o ritmo assustadoramente acelerado das "costureirinhas", a par do som mais cadenciado das Kalashnikovs. Enquanto na frente de combate, o comandante temente. O facto de pela primeira vez do primeiro pelotão da Companhia de Fulacunda, com as suas três seccões separadas, mandava tomar posições de defesa e responder prontamente ao ataque dos querrilheiros, atrás, o capitão da Companhia vinda de Bolama mandava recuar. No meio desta confusão e desta desordem, o tiroteio

O capim e os ramos das árvores tombavam ceifados pelos tiros das espingardas e pelos estilhaços das granadas da bazuca, numa tempestade surpresa, matá-los, aprisionar o ar- de de aço incandescente e mortífero, despeiado por aquelas armas em fúria. Mas, não tombaram apenas ramos de árvores. De acordo com o Relatório da Operação "o IN teve 6 mortos confirmados e vários estimados ...". Tiros. Cada vez mais tiros. Tiros das nossas tropas e tiros dos guerrilheiros. Tiros que se cruzavam e se confundiam num barulho ensurdecedor e mortífero. O sentidos em alerta permanente, uma comandante do 1º pelotão, à frente,

persistia na ordem de ataque. O capitão, cá atrás, continuava a mandar retirar. Uns. lá na frente, mantinham-se firmes, outros, acatando as ordens do capitão, retiravam apressada e desordenadamente. A desorganização era completa. Lá na frente de uma das colunas, no momento em que mudava o carregador da G-3, apercebi-me que estava sozinho com meia dúzia de soldados. Tentei localizar as outras secções do meu pelotão, mas não vi ninguém. Estávamos sós, naquele fim do mundo completamente desconhecido, rodeado de floresta, de bolanhas, de guerrilheiros, de tiros, de estilhaços de granada e de morte.

O tiroteio foi reduzindo de intensidade e, mantendo sempre a segurança e prestando a máxima atenção ao movimento dos querrilheiros, dei ordem para recuarmos. Sempre em posição de defesa, contei os homens que tinha comigo: um 1º cabo e 9 soldados. Onze homens perdidos nas proximidades de um local onde "tinha sido referenciada forte concentração de guerrilheiros"! E sem que tivéssemos seguer uma carta topográfica ou um rádio. Por entre as árvores densas da floresta olhei o sol, vi as horas e tracei a direcção de regresso a Fulacunda.

Após cerca de vinte minutos de marcha, extremamente cautelosa pelo interior da floresta, encontramos mais um grupo de cinco soldados, desesperados por se encontrarem perdidos.

Agora erámos 16. Continuamos a progressão, sempre em fila indiana, espaçados e no mais absoluto silêncio.

De guando em vez olhava o Sol e confirmava as horas. Admitia que ia na direcção certa, todavia, não tinha a

E esta dúvida criava-me uma angústia de morte. Aqueles quinze homens confiavam em mim para os levar a casa e eu tinha consciência que não podia defraudar-lhe as expectativas. No entanto, tudo era desconhecido, Tudo



Messe Sargentos e Oficiais (esq.). Comando (dir.) ao fundo a Torre de vigilância (feita pelos B.N.). Foto: Augusto Inácio Ferreira.



'Porta de Armas" vista de fora do Quartel



Aspeto geral da "tabanca". Foto: João Baptista



"Moranças" de guem não tem "patação", junto à estrada que vem do porto

era incerto. O cansaço e a sede eram po exigia repouso, o espírito opunhainsuportáveis.

Já o sol ia descendo e a angústia subindo quando localizamos uma pequena aldeia completamente destruída pela guerra, onde já tínhamos estado umas semanas antes. Estávamos no bom caminho e relativamente perto de Fulacunda, o que aumentava o risco de sermos emboscados. Os querrilheiros sabiam que o cansaço e a proximidade do aquartelamento amoleciam as defesas. Mandei, por isso, reforçar os cuidados, o silêncio, a atenção e aumentar o espaco entre cada um. Ao fim da tarde chegamos, finalmente, a Fulacunda. Pensava que somente eu e os soldados que me acompanhavam tinham sido abandonados. Mas não.

Pouco tempo antes tinha chegado outra secção do meu pelotão e, pior que tudo, faltava ainda o alferes miliciano comandante do pelotão e mais cinco soldados, Estávamos exaustos. O cor-

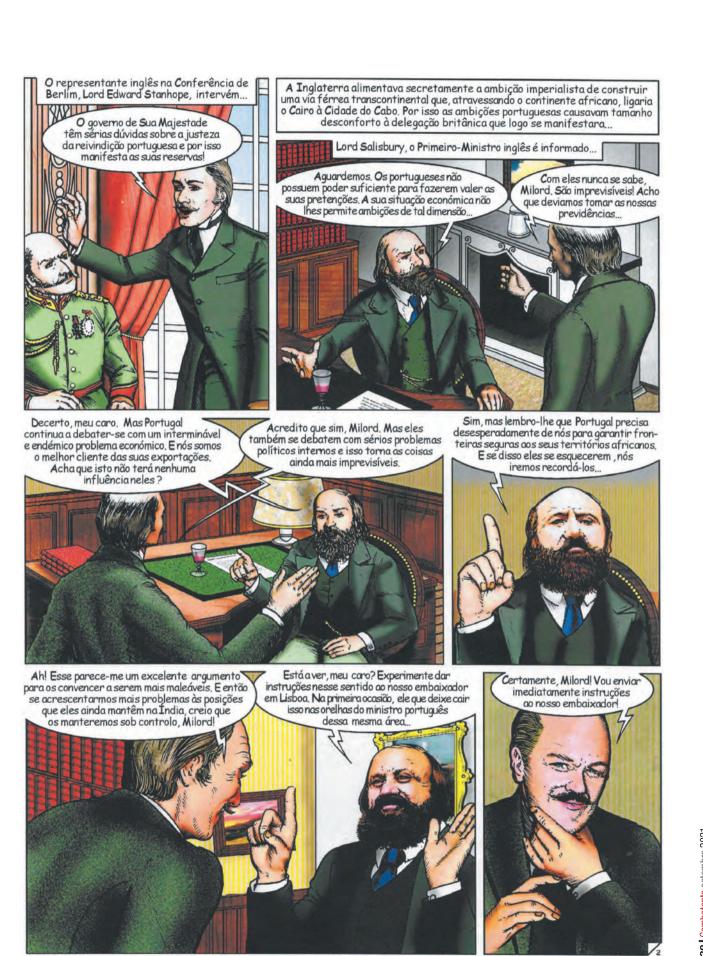
se. À espera que eles aparecessem. passamos a noite em vigia, junto à rudimentar pista da avioneta. Lançamos very lights que lhes indicariam a direção de Fulacunda, iluminando a noite, num brilho ofuscante, intenso de esperança, para logo se apagarem, tornando a noite mais negra com o breu da incerteza e do desespero. A noite foi longa. muito longa, mas eles não apareceram!

Nos dois dias seguintes passamos a pente fino toda a zona onde se tinha desenvolvido o ataque aos guerrilheiros. Perscrutamos cuidadosamente o local do ataque, mas apenas vimos capim pisado, ramos cortados e invólucros de balas. Reconheci o sítio onde me deixaram sozinho com os meus homens e um calafrio percorreu-me o corpo. Infelizmente, não encontramos os nossos camaradas desaparecidos.

E no relatório da Operação, ironicamente designada "Lenda" haveria ficar

descrito o trágico desaparecimento em combate destes 6 militares. Muitos anos mais tarde, em 29 de novembro de 1997, o Expresso publicou uma reportagem relativa aos ex-militares prisioneiros na Guiné-Conacri. A sucinta descrição da captura de um destes militares coincidia com a trágica história que acabei de contar. Consegui localizá-lo e fui à terra dele. Conversamos demoradamente e, a par da constatação das sequelas psicológicas que a captura e os longos meses de cativeiro ainda marcavam aquele rosto simpático e generoso, mas fechado, figuei também a saber que os guerrilheiros os perseguiram com sucessivas emboscadas, nas quais mataram 3 deles.

Ao terceiro dia, outro pôs termo à vida e ao quarto dia os querrilheiros mataram o alferes miliciano e aprisionaramno a ele. Levaram-no para a Guiné-Conacri, mas, felizmente, sobreviveu ao



ome nota

Em 29 de maio 2021 foi inaugurada a LARC-V (Lighter. Amphibious Resupply, Cargo, 5 ton), no Museu do Combatente, bem como duas novas exposições sobre as Operações de Paz e Humanitárias – uma de Isabel Martins, do marketing do museu, sobre as Forças Nacionais Destacadas, e por convite do Museu do Combatente ao Cor. Paulo Goncalves, a Mission Crayon. Em cartoons humorísticos, mostrando a realidade da guerra na Bósnia. em Angola e no Afeganistão, deixa-nos um filme de 15 minutos, que corre diariamente em contínuo na Sala Aliubarrota, sobre a experiência real vivida na Bósnia com uma crianca de 5 anos... Musical a não perder.









A Trincheira

De um realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural, efeitos de luz e som, a vida do soldado português na Flandres, as saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos. os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpoa-corpo.



História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos à escala, desde os irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Guerra Mundial e das grandes batalhas aéreas

I Concerto Solidário Evocativo do Centenário da Liga dos Combatentes - 16 de Outubro - Picadeiro Real do Museu Nacional dos Coches, pelas 16h00 -

PARTICIPE

Banda Sinfónica do Exército - Maestro Alferes Renato Tomás; Pedro Polónio e Rute Soares; Grupo de Fados de Coimbra "Serenata ao Luar", Daniel Schvetz compositor da obra musical para o Centenário, e Martin Sued no Bandonéon; Nuno da Câmara Pereira; Harpista Salomé Matos e Soprano Florência Ribero; Tenor João Casimiro. Agradecemos a sua presença. PROGRAMA disponível em www.facebook.com/museucombatente.oficial



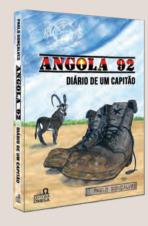
7 F 11 DF NOVEMBRO

07.11.2021 pelas 16h00, Sintra

2.º Concerto Solidário da Liga dos Combatentes no Auditório Olga Cadaval, Sintra.

11.11.2021 no Forte do Bom Sucesso pelas 10h30, Belém

Cerimónia evocativa do Armistício, fim da Gerra do Ultramar e aniversário da Liga dos Combatentes. Inserido nestas cerimónias irá proceder-se ao Lançamento do livro do Cor Paulo Goncalves, «ANGOLA 92», com prefácio do TGen Joaquim Chito Rodrigues.



11.11.2021 no Forte do Bom Sucesso pelas 15h00. Belém Tertúlia de homenagem à Força Aérea Portuguesa subordinada ao tema "Memórias de Combate", com intervenção de Combatentes da Força Aérea em Angola, Guiné e Mocambique.

Eventos no Museu do Combatente



O Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, tem sido escolhido para a realização de vários eventos, nomeadamente de confraternização de grupos sociais e empresariais e outros de cariz mais privado, como foi o caso dos noivos que escolheram o Forte do Bom Sucesso para celebrarem o seu casamento neste espaço nobre, junto à Torre de

Museu do Combatente

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

Aberto todos os dias, incluindo fins de semana e feriados.

> Das 10H00 às 18H00 Contacto: 912 899 729

> > 4€ (adultos)

3€ (criancas a partir dos 5 anos, reformados e grupos) grátis (sócios da Liga dos Combatentes e combatentes portadores do Cartão do Combatente)







Tinto Reserva + Branco Regional + Tinto Regional

16.30€

16.40€

Tinto Reserva + Branco Regional + Paínho 0,300Kg

12,30€

Tinto Reserva + Branco Regional vinho licoroso 15,84€ 500ml

1 Garrafa de Vinho Branco Regional 1 Garrafa de Vinho Tinto Regional



- 1 Garrafa de Vinho Branco Regional 1 Garrafa de Vinho Tinto Reserva
- Cx. em madeira
- 1 Garrafa de Vinho Branco Regional 1 Garrafa de Vinho Tinto Reserva
- 1 Garrafa de Vinho Tinto Regional



Faça a sua requisição e pagamento, junto do Núcleo da Liga dos Combatentes da sua área de residência

14,00€

Autor: José Geraldo Editora: Modocromia Edições, Lda 1.ª Edição - setembro de 2021

103 páginas

Amor & Saudade

Fados e outros Pemas

llustrado com fotografias de Conde Falcão

«O José Geraldo fala neste livro da dor que sonha ser prazer, da fé de povo que vê o mar que une o mundo, da força que o pensamento tem de criar o momento, e do amor que é sempre partilha. E também do amor fugaz que é doce, e no abismo que há nos céus de cada um, do efémero sorriso de uma memória, e finalmente da forma como vivemos uma vida inteira, numa quase brincadeira, que só termina ao

Direi mais, que se prolonga para além

Ruy de Carvalho e Paulo Mira Coelho in Prefácio





PROGRAMA FIM DO IMPÉRIO

RTP África - Programa «Mar de Letras» Entrevistas a autores de livros da "Coleção Fim do Império", pelo jornalista Mário Carneiro













A Liberdade só faz sentido com a Stannah

A MARCA №1 EM SOLUÇÕES DE MOBILIDADE EM TODO O MUNDO

NOVO MODELO

Stannah Starla



Mais de 30 combinações de estofos.



ELEVADORES DE ESCADAS

- Elimina o risco de queda nas escadas
- Muito fácil de utilizar
- Funciona em caso de falha de energia
- Suba e desça as escadas sem qualquer esforço



SOLUÇÕES DE BANHO

AQUALUXE

Cabine de duche por medida.

- Pedra de remate antibacteriana
- Limiar de acesso muito baixo
- Barra de apoio
- Cadeira ortopédica
- Base antiderrapante
- e antibacteriana
- Vidros temperados resistentes à quebra e tratamento anticalcário com garantia de 10 anos.

INSTALAÇÃO EM 2 DIAS*

PERFEITA PARA BANHO ASSISTIDO OU DE

CADEIRA DE RODAS.



SCOOTERS DE MOBILIDADE

Recuperar a sua vida agora custa muito menos!

Muito fácil de conduzir Não necessita de carta de condução, nem seguro!



Ligue tel:

808 918 388

As campanhas apresentadas nesta comunicação têm validade de um mês a partir da sua publicação e não são acumuláveis com outros descontos ou campanhas em vigor. Campanha válida para compras a pronto-pagamento. Imagens meramente

OFERTA

Tablet Alcatel + Capa Teclado

(16 GB - 1 GB RAM - Wi-Fi - Preto)

Oferta de de Tablet + Capa Teclado na compra de um equipamento de mobilidade Stannah.





Dia Internacional da Paz

21 de setembro de 2021